

A Defeza Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

ANNO VII

Rio de Janeiro, 10 de Junho de 1920

Nº 83

Grupo mantenedor: B. Klinger, Pantaleão Pessoa, Maciel da Costa, (redactores); F. J. Pinto (thesoureiro); Pompeu Cavalcanti, Daltro Filho, Parga Rodrigues, Lima e Silva, J. Ramalho, Leitão de Carvalho, Newton Cavalcanti, Nilo Val.

SUMMARIO

PARTE EDITORIAL

Projecto de despesas no Ministerio da Guerra
para o exercicio de 1921

PARTE JORNALISTICA

Saudação official.....	362	Capitão Daltro Filho
A localisação dos corpos de tropa no Rio Grande do Sul.....	363	1º Tte F. Paula Cidade
O Exercito no futuro.....	368	Tradução
Notas sobre a Historia Militar do Brasil.....	368	Cap. Nilo Val
2ª Linha.....	37a	Dr. Braz B. de Almeida
O estagio na tropa em terras dis- tantes.....	373	1º Tte Manoel Carlos
O que traz de novo o R. L. S. G....	374	Capitão Klinger
Instrução de infantaria.....	376	1º Tte Barbosa Monteiro
Do Saycan.....	377	Transcrição
O R.T.A. por perguntas e respostas	380	Cap. Acacio F. Corrêa
A pontaria indirecta do nosso 75.	382	Reedição

NOTICIARIO

Tenente Gil Christiano, 358 — Da Provincia, 358 — Da Villa Mi-
litar, 359 — O compromisso dos novos alumnos na E. M., 362
— O caso da Bahia, 367 — Captura de insubmissos, 371 — Novo
meio de burlar o sorteio, 374 — Serviço Geographico Militar,
385 — Bibliographia, 386 — "Minhas Memorias", 388 — Na capa:
Indicador, Memorias de Ludendorff, Manual do Artilheiro, Guia
para o ensino da pontaria, Nomenclatura do obuz, Tiro de com-
bate de metralhadoras, A pontaria indirecta, Memorandum, etc.

A Defeza Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Redactores: BERTHOLDO KLINGER, PANTALEÃO PESSOA e MACIEL DA COSTA

N.º 83

Rio de Janeiro, 10 de Junho de 1920

Anno VII

PARTE EDITORIAL

Projecto de despesas no Ministerio da Guerra para o exercicio de 1921

A reabertura dos trabalhos legislativos suggere a reflexão, especialmente aos militares, sobre o que possa trazer de progresso o trabalho commum dos Poderes Executivo e Legislativo, a exprimir no orçamento das despesas militares para o exercicio de 1921.

Como pontos de partida no traçado de um judicioso plano para o referido trabalho, bem como para as considerações de quem quer que se abalance a cogitar do assumpto, tomando como rumo, num e noutro casos, o «conservar melhorando», apresentam-se expontaneamente o vigente orçamento da Guerra e sua correlata lei de fixação de forças, decretos de 5 e 10 de Janeiro deste anno (Boletim do Exercito n. 286, de 15-1-1920).

«Sua correlata lei de fixação de forças»: por mais singela, natural, necessaria que sõe essa associação ou interdependencia, a inobservancia dessa correlação entre lei de forças e lei de meios é um facto tão vulgar, habitual e costumeiro, que já a ninguém impressiona.

Ahi está pois, para começar, um aspecto fundamental a solicitar a criteriosa atenção dos collaboradores no trabalho de que estamos aqui tratando.

Até hoje o que tem succedido é, em termos genericos, o seguinte inqualificavel contrasenso: o Poder Executivo apresenta ao Congresso uma proposta de fixação de forças, consignando, por exemplo, 49.854 praças; feitas as contas, o Legislativo encontra que esse effectivo exigiria uma verba em *soldos, etapas e gratificações* que montaria a 34.072:139\$040 Rs. Considerações de ordens diversas, pseudo-politicas e financeas, de facto méra conta de chegar afim de evitar o deficit orçamentario, levam o Congresso a decidir que naquella verba não podem ser concedidos mais que 31.970:013\$439 Rs. Para isso cortam-se tantos sargentos, tantos cabos e tantos soldados no effectivo. O Governo então, forçado a seguir o caminho totalmente invertido, vae ageitar *a posteriori* pelas unidades do Exercito o numero de soldados que ficará habilitado a pagar. Vem d'ahi o trabalho de todos os annos, atropelado, ingrato e insano, para dar ou não dar effectivo a taes e taes unidades, cortar aqui ou alli nos quadros das que podem ter existencia.

Pensamos que o facto não póde ser resumido em termos mais simples, nem póde, portanto, ser maior a nitidez com que resalta a innominavel abstrusidade e aberração de semelhante *modus faciendi*.

Pois não haverá meio de se fugir a essa feia solução invertida do problema dos effectivos, ao mesmo tempo propondo nessa materia a harmonia e

independencia dos poderes, ideada pela Constituição?

Sabemos que foi finalmente lembrado um meio: o Governo fará acompanhar a sua proposta de fixação de forças dos quadros de effectivos das unidades das diversas especies nas differentes armas, e discriminação das de cada typo — da mesma forma que ahí detalha os quadros de officiaes e tantas outras parcellas. Assim o Legislativo terá um meio simples de acertar a verba de soldos *etc.* segundo um multiplo exacto dos effectivos de unidades; sua ampliação ou seu corte far-se-ão respeitando a composição projectada pelo órgão competente, traduzindo-se num augmento ou suppressão de tantas unidades ou subunidades completas desta ou daquela arma. E assim, fixado o orçamento da despesa, elle terá desde logo uma significação positiva, será uma criação viva e não uma phantasia de arithmetica, verdadeiro aleijão, e perfeito quebra-cabeças para o Ministerio da Guerra em jo acertar nos moldes dos quadros de effectivos.

O Governo por sua vez, em lugar de localisar semelhante procedimento erroneo, chegava a modificar de anno para anno os quadros de effectivos das unidades, sem outro criterio que o de casar os com o total do effectivo arbitrariamente estipulado pelo orçamento. Variações nos quadros podem e devem dar-se, porém ao influxo benefico de outro criterio: o da melhora para o serviço das unidades.

Oxalá todos se convertam! O processo a seguir, além do respeito que observa ás mutuas espheras, apresenta-se com uma simplicidade colombiana.

• Ao Executivo a iniciativa!

Continuaremos no assumpto.

Tte. Gil Christiano

Ao iniciar um vôo, vítima de uma queda motivada por imperfeições que ainda acompanham osapparehos de navegação aerea — falleceu instantaneamente no Campo dos Affonsos o joven e esperançoso auxiliar de instructor da

Escola de Aviação Militar, tenente Gil Guilherme Christiano.

A morte desse inditoso camarada produziu forte impressão não só pela estima que sempre soube conquistar com as suas qualidades moraes, como ainda por ser uma das maiores esperanças da nossa nascente aviação militar.

Gil Christiano, moço, arrojado e intelligente se havia imposto desde os seus primeiros passos no Collegio Militar do Rio de Janeiro e ultimamente — após concurso — exercia a função de auxiliar de instructor na Escola dos Affonsos.

Dos seus chefes e camaradas receberam os seus despojos as homenagens que bem soubera merecer e, para os seus amigos, ficou esse consolo, ao lado da saudade.

Mas para a aviação militar brasileira Gil Christiano não poudé deixar mais do que o seu exemplo de abnegação e coragem, do que a memoria da capacidade technica com que se enriquecia espontaneamente, do que as provadas manifestações do empenho com que desejava ver constituída e respeitada a nossa defesa aerea.

Elle iniciou alguns discipulos na turma de sargentos que actualmente estão frequentando a E. A. M.; para estes ficou o dever de cultivarem os seus exemplos de probidade — assim como para os seus amigos e para nós ficou o dever de reconhecer os seus meritos e não deixar que os esqueçam os mais felizes, que amanhã colherão os fructos da sua arriscada arma.

Da Província

Coritiba, 28. 4. 20... apesar das autoridades superiores nada auxiliarem, os nossos chefes d'aqui têm se esforçado para que seja adquirido o necessario á nossa instrucção...

O estado actual dos nossos quartéis, do nosso pessoal e mais outras informações, por onde se poderá avaliar da nossa verdadeira situação, sempre é um pouco melhor do que as descriptas na secção «Da Província» com relação a outros corpos. Infelizmente, entretanto, as falhas ainda são enormes, principalmente na instrucção e na disciplina.

A noticia de mudança de regulamentos e dos uniformes tem nos deixado um pouco, ou bastante contrariados, pois quanto ao 1.º ponto nada podemos dizer, por ora, mas quanto ao 2.º não encontramos razões que justifiquem essas pequeninas despesas para os nossos millonarios officiaes do Exercito que ganham muito...

...Rio Grande do Sul, 10-5-920 — Iniciou-se o anno de instrucção, mas não da instrucção que almejávamos quando abandonamos as lides escolares.

essa cavallaria, aqui, somente o é ne, porque lhe falta o elemento al — o cavallo. Não porque não sua o Regimento; pelo contrario, a por 400 os da sua carga, mas a invernada, a legua e meia do

ahi já se vê que a instrucção a é completamente sacrificada, desenvolve-se em consequencia um falso sobre o modo de agir em campanha. Prega-se que a cavallaria é infante montada e esquece-se que a arma precisa adestrar-se no manejo a branca a cavallo.

exagero da acção da cavallaria go, busca-se o pretexto para pouis do que nunca — o «invicto». O principio estabelecido pelo G. de que «a instrucção equestre sofre interrupção» é, para nós, um tiro mytho, e os nossos sorteados em o tempo de instrucção formando o completamente falso da nossa

fficiaes do Regimento têm feito esforços para minorar esse mal. se estão convencendo de que é resignarem-se á posição de pseuductores de cavallaria, isto é, ins de cavallaria sem cavallos.

Eq. é desconhecido, absolutamente desconhecido neste recanto da Pro-E' o unico regulamento que de do positivo não é executado em dos seus artigos; é o typo do de papel e pôde denominar-se «morta». Dizem que o gaúcho não dos principios e regras do R. Eq., o pouco que os «meninos do Rio» enchem a bocca com os palavrões «a garupa», «flexão directa», «pi-etc. lhes ensinam alguma coisa. um sabido que do gaúcho se aproa a solidez a cavallo — mas elle antestavelmente, um empirico. Si os, de facto, instructores de caval-nossa tarefa seria substituir os empiricos de dominar o cavallo, meios racionais preconizados pelo e que são os mesmos de todos livros.

justifica o abandono do ensino e no Rio Grande do Sul, ainda e, si elle não fosse realisado demonte na parte individual, poderia ser temente corrigido na preparação

de conjuncto — tirando melhor partido para obter a efficiencia em campanha. Mas... somos forçados a illudir os re-crutas, bem a contragosto.

Não pretendemos esmorecer diante de tamanha falta de orientação, mas podeis crêr que é preciso grande força de animo, verdadeira fibra e amor profissional, para continuar trabalhando — nutriendo esperanças de melhores dias.

A' Defeza Nacional exprimimos com plena nitidez, o desabato de quem nem ao menos pôde consagrar-se direito ao exercicio da sua missão.

N. da R. — A carta acima photographa o que se passa em um R. C. I. e pôde tambem ser considerada como copia do que se passa em outros regimentos.

Persiste-se em pensar que o soldado de arma montada pôde dispensar uma aprendizagem intelligente e logica sobre o emprego do cavallo, porque já tenha adquirido certas virtudes equestres.

No Rio Grande do Sul, especialmente, onde é generalisado o emprego do cavallo e porque sobre elle tenha dominio o homem da campanha, seria muito util aperfeiçoar esta qualidade, generalisando o uso de novos meios de acção que se iriam reflectir no adestramento dos cavallos a serem fornecidos mais tarde para todas as regiões do Brasil. Além disso, a nossa cavallaria, como de resto qualquer outra que pretenda conservar suas qualidades especiaes, precisa ser educada uniformemente, treinada constantemente, preparada pacientemente com toda a galhardia e audacia que orgulham os seus factores de alma.

E' criminoso que se economise forragem e velhos pilungos — para destruir espiritos custosamente educados e expontaneamente lançados no caminho do saber e do respeito aos regulamentos.

Da Villa Militar

Depois dos exercicios de sapa..

Os terrenos da Villa Militar, muito ao contrario do que era de esperar, acham-se em máo estado de conservação, e este grave inconveniente, sob o duplo ponto de vista militar e hygienico, chegará a tal ponto que aquella localidade se tornará inhabitavel e inteiramente impropria

os fins a que é destinada, — isto é, impraticável a cavalleiros, viaturas e similes pedestres — se providencias energicas e urgentes não forem tomadas.

Com o natural desenvolvimento da instrucção militar exigido pelo cumprimento dos Regulamentos de instrucção e Directivas de exame, o terreno é periodicamente trabalhado pela ferramenta de guerra. As multiplas sub-unidades de infantaria, artilharia e engenharia cavam as suas trincheiras, etc., ora aqui, ora alli e, após a utilização das mesmas, que não mais devem ser aproveitadas, deixam-nas abertas.

Isso é um habito condemnavel e sua gravidade vae se accentuando á medida que cresce o numero de vestigios de exercicios assim feitos.

A artilharia não pôde mais entrar em certas posições sem preparo prévio ou sem fazer rodeios desnecessarios e consumidores de tempo de que se não dispõe.

Após algum tempo taes trincheiras, bocas de lobo etc., ficam cobertas por pequena vegetação que as cobre por completo, fazendo com os proprios animais as confundam com o terreno natural. Desde então, como é o caso actual, não mais se pôde transitar a cavallo fóra das estradas, sem grande perigo, mesmo na mais moderada andadura.

Ha dias, por occasião de um exercicio de quadros realisado pela E. A. O., um capitão, incumbido de uma missão, sahiu da estrada e, mal a havia atravessado, deparou com uma *bocca de lobo*.

O cavallo saltou o obstaculo, mas as patas anteriores tocaram a beira de outra obra identica coberta por capim. O cavallo projectou-se de cabeça para baixo dentro do buraco e lá ficou de cabeça para baixo com o pescoço dobrado, apenas de fóra as ancas e a cauda. O cavalleiro, devido a um desses acasos felizes que sempre nos acompanham... não coube no buraco.

Poucos dias depois, ao terminar um daquelles exercicios de quadros, alguns officiaes do 1.º R. A. aproveitaram a volta para um pequeno treinamento de caça. Um delles, quando pretendia transpor uma vala antes de uma subida, viu o seu cavallo refugar o obstaculo e atirar-se para o lado. Cavalleiro e cavallo cahiram dentro de profunda trincheira onde mergulharam, ficando sepultados pela vegetação. O ani-

mal, esforçando-se inutilmente para sahir do obstaculo, comprimia fortemente o corpo do official de encontro á parede, apertando-lhe tambem o peito com uma das patas. Não fossem aquelle acaso feliz, a calma do official e os seus gemidos, os seus companheiros talvez não tivessem percebido a tempo o desastre, providenciando para evitar-lhe as graves consequencias.

Encontram-se no terreno da Villa algumas choupanas habitadas por familias de soldados, na visinhança das quaes foram abertos poços que nunca são cercados, o que tem dado lugar, como em outras partes do suburbio, a mortes por asphyxia de creanças que nesses poços cahem.

Com o abandono dessas choupanas os poços continuam no mesmo estado, apenas a pequena vegetação faz a sua traiçoeira «camouflage».

Em um desses poços assim cobertos por ligeira vegetação cahiu, ja ha tempos, um boi pertencente, se não nos falha a memoria, ao 1.º R. A., e somente dali poude ser retirado quando em estado de putrefacção.

Sob o ponto de vista da hygiene a cousa não é menos grave. Para completar o inconveniente das valas cujo estado de conservação não é bom, ficam as excavações daquellas obras de fortificação cheias d'agua que se conserva permanentemente em estado putrido, onde o mosquito prolifera sem solução de continuidade.

Ainda por causa daquelle já celebre acaso feliz, os resultados de tal desidia não produziram as conhecidas consequencias. Mas já os primeiros symptomas se fazem sentir, na região onde aquellas obras de fortificação são feitas em maior numero. Falla-se em casos de impaludismo na zona occupada pelos corpos de infantaria.

Deveremos pôr mais na carta ou aguardar que a situação quasi aguda da Villa Militar se equipare á chronica da Fazenda de Santa Cruz para, então, com discursos cheios de bellos adjectivos, visitas de saude, installação de hospitaes, cultura de mosquitos para estudos scientificos, etc., etc., pedirmos a attenção dos camaradas e das autoridades para um tal estado de cousas?

No que toca á contribuição descuidosa e, digamos, innocente da tropa nesse peri-

so esburacamento dos terrenos de exercicios da Villa Militar, importa suspendel-se e amortisar a culpa. *Toda excavação feita d'agora em diante por uma tropa em exercicio será de novo entulhada, cuidadosamente restabelecida a franca praticabilidade do terreno, uma vez realisado o objectivo da instrucção.*

Ainda mais: toda tropa que encontrar na dessas traiçoeiras crateras, disfarçada pela vegetação rasteira e nivelada na apparencia, providenciará incontinenti por signalal-a, si não fôr possível arrasal-a. Isso é realisavel mesmo sem ordens e ordens: bastam a boa vontade, a camaradagem e a disciplina collectiva, não só por solidariedade mas até por interesse pessoal.

Compromisso dos novos alumnos na E. Militar

A solemnidade com que a Escola Militar realisa o compromisso dos seus novos alumnos teve uma verdadeira significação militar.

Ordem, pontualidade, correcção e garbo, ao lado de algumas demonstrações de validade profissional compatíveis com o acto, deram á bella ta uma distincção tal que nos permite classificar-a como a mais correcta e significativa de quantas temos assistido.

Para nós militares é motivo de justo orgulho e fundadas esperanças o sentirmos que a *ordem* efectiva no progresso da nossa instrucção militar vai se estabelecendo; a Escola Militar de hoje — dentro do seu periodo de instrucção — realmente a primeira tropa do Exercito, como tal facto cumpre que o seja em razáo de seu rutamento e destino.

Logo vel-a apresentar-se, correcta, asseada, garbada, executando os seus movimentos com a precisão desejavel — cada alumno em sua arma fazendo aquillo que amanhã deve ensinar, sente-se a criação de elementos militares que, bem aproveitados, saberão manter-se á altura de sua elevada missão.

É, o que a Escola exhibiu tem grande significação porque ella é aquillo mesmo que todos desejam. É assim todos os dias, todo o anno, em todas as horas consagradas aos seus altos profissionais. É o que a sua admiração quer que ella seja, o que os seus instructores ensinam a ser, já se vê, no ponto de vista militar, do preparo pratico profissional.

A E. Militar é um exemplo, é uma prova de quanto podemos fazer desde que o queiramos sinceramente e com dignidade.

Não pretendemos destacar-a como uma personalidade. Sabemos mesmo que ella ainda precisa progredir e temos certeza que progredirá, desde que o Governo queira e comprehenda o quanto é necessario.

O estado actual não foi attingido sem difficuldades.

A prova publica que dá motivo a estas considerações, representa o fructo de esforços contrariados — representa a victoria do bom senso,

da honestidade profissional e do patriotismo de todos os que comprehenderam que não podiamos continuar com uma E. Militar desprestigiada e invejosa de qualquer unidade de tropa onde se prestasse attenção ao R. I. S. G.

Esse resultado ahi está **berrando nos ouvidos das autoridades e pedindo o complemento da obra.**

É impossivel que as altas autoridades da Guerra que viram este anno a Escola Militar no seu 3.º mez de instrucção, não tenham formulado o compromisso intimo de cuidal-a constantemente — sondar até onde vai o seu trabalho — e dar todos os elementos que ainda faltam para que o alumno tenha um preparo profissional completo e uma educação militar esmerada.

Até hontem a E. Militar era a victima dos seus regulamentos e especialmente das continuas mudanças — que em sua maioria tinham o effeito das reformas politiquieiras, com todo o seu cortejo de cavacões e immoralidades. Hoje chegamos a um resultado que toca aos sentidos e — o que é mais valioso — surprehende os corpos onde chegam os novos officiaes.

Attingimos á phase em que é preciso escrever pouco e querer, e fazer, muito; já escolhendo sempre cuidadosamente todos os elementos que devem servir na Escola e que, em qualquer cargo são um exemplo, já attendendo ás solicitações de tudo que se prende ás necessidades materiaes do ensino.

Desfilando em revista a Escola deu magnifica impressão.

Melhor seria que as armas montadas desfilassem ao trote, como é regulamentar para a artilharia e para o que, segundo sabemos, a bateria estava preparada.

A infantaria apresentou um batalhão: a 4 companhias que satisfez ao exame dos seus mais dedicados profissionais, a bateria de artilharia desfilou em linha com uma coordenação de movimentos admiravel e caprichosa, o esquadrão de cavallaria apresentou toda a correcção desejavel e o pelotão de engenharia formou uma secção de telephonistas que na sua pequenez deixava examinar uma compostura digna de nota.

Após o desfile a cavallaria exhibiu os seus admiraveis lanceiros. Fez gosto ver-se o desembaraço e a segurança com que a maioria do esquadrão usou suas armas brancas.

A infantaria tambem apresentou uma prova de gymnastica — saltos nos obstaculos que servem aos exercicios diarios e onde se pode avaliar bem o treinamento physico exigido na moderna Escola.

Cumprimos um dever de justiça destacando o trabalho dos dignos camaradas instructores da Escola Militar e felicitando o seu commandante, Coronel Eduardo Monteiro de Barros, pois o compromisso dos novos alumnos merecia ser assistido por toda a guarnição do Rio, esteve na altura do instituto de ensino que o realizou.

Na artilharia não puderam formar todos os alumnos porque a Escola não dispõe de cavallos e muars para as secções de obuzes e da artilharia de montanha.

Além desses animais, ainda é urgente que se construa um picadeiro para a instrucção da bateria. Quem conhece as difficuldades do ensino

da equitação e da tracção poderá avaliar as peripecias e o risco que se impõe a esse ensino fazendo-o em lugar não apropriado.

Talvez supponham que o picadeiro existente na Escola seja sufficiente. Examinando porém o numero restricto das horas de instrucção pratica ver-se-á que não o é; e além disso, o picadeiro da Escola é considerado como propriedade da arma de cavallaria!

Em consequencia da falta de animaes tambem não puderam formar alguns alumnos de cavallaria e o pelotão completo de engenharia. Esta arma não tem como realizar a tracção da sua estação radiotelegraphica.

E' indispensavel construir uma enfermaria para animaes e dar condigna installação á ambulancia veterinaria. O veterinario da E. M. precisa de auxiliares para poder instruir os alumnos e tratar da cavallhada. Neste particular ha um progresso sensivel mas elle não poderá ser constante, como convém; si o veterinario não tiver auxiliares ficará em peiores condições ao de um Corpo de Trem.

A infantaria ainda não recebeu os fuzis metralhadoras necessarios á instrucção.

Essas faltas não devem existir na E. Militar, pois é preciso que os novos officiaes saiam desse instituto com um conhecimento exacto de todo o material e do seu emprego nas diferentes situações de campanha; ellas se reflectem na instrucção diaria e nos treinamentos que em consequencia são dispensados.

Saudação official

Do capitão Daltro Filho, aos conscriptos de 1920, encorporados ás unidades de Juiz de Fóra, no acto do compromisso á bandeira.

Vós o dissestes. Mas não basta apenas a promessa de cumprir litteralmente as ordens providas das autoridades a que vos houverdes de inclinar; não basta ainda o respeito aos superiores, a affeição aos irmãos d'armas, a bondade para com vossos subordinados; não basta emfim essa inteira dedicação ao serviço da Patria, por cuja defesa empenhaes galhardamente o sacrificio da vida. E não bastam apenas as graças do vosso juramento, porque ha na sociedade um sem numero de funcções outras, cujo exercicio tambem presume uma obediencia perfeita, e uma camaradagem harmoniosa, e uma dedicação ao serviço da Patria, com o sacrificio implicito da existencia.

A formula sacramental do vosso compromisso póde bem ser, consequentemente, ante as apparencias mais claras dos seus proprios dictames, a formula sacramental de um compromisso civil.

Ha, comtudo, entre ambos, uma differença inconteste. Ellas discordam, em essencia, porque na intimidade do vosso

juramento circula o estoicismo inflexo da disciplina militar.

Falo da disciplina que imprime á vossa obediencia o caracter normal de um concurso heroicamente voluntario; da disciplina que transmuda a vossa camaradagem na intima união dos vossos sentimentos; da disciplina que apura o patriotismo até requintal-o nessa concentração civica que ensina o devotar-se á Patria e o morrer-se feliz pelos seus grandes ideaes.

Meus camaradas!

Se eu pudesse transpor as estreitezas desta saudação e mostrar-vos que a Patria é uma associação activa, que nos veio dos antepassados e progride com os contemporaneos, no permanente esforço de legar aos vindouros as riquezas do espirito, do coração e do trabalho; ou demonstrar-vos, por deducções positivas, que a vossa Patria é a vossa terra, a vossa propria familia, a linguagem com que vos exprimis, a egreja em que abraandaes as inquietações das vossas dores, a historia que enthesoura as tradições varonis dos vossos maiores, e até a raça em que pouco a pouco se estampa a physionomia typica do vosso povo; ou demonstrar-vos ainda, que nascestes gravados de obrigações para com vossos antepassados, para com vossos successores, para com vossos contemporaneos; e que os maiores esforços, mais hem empregados, da mais longa vida não vos permittiriam quasi nada indemnizar do que tendes recebido — sentiríeis facilmente que não é sacrificio o preço da vida para defendel-a.

E quando essa familia é o relicario das mais excellentes virtudes;

Quando essa linguagem, por sua extrema fluidez e por suas extremas harmonias, faculta ao pensamento a expressão fiel da sua originalidade, a expressão duravel das suas creações, a expressão imperecivel das suas obras primas;

Quando essa historia é a tradição de um longo passado de esforços e devotamentos; a memoria de heroismos sem compressões; a consciencia collectiva da nacionalidade; e ensina o apêgo ao solo pelas saudades e pelas esperanças, pelos mortos e pelos filhos, pela immobidade dos tumulos e pelo balouçar dos berços;

Quando essa terra é um *habitat* em que são faceis as riquezas, prodigiosa a vida, encantadora a existencia; terra que não estala sob a colera vibrante dos cata-

ysmas e onde as proprias enchentes são mo um desperdicio fecundo de suas maravilhosas energias; terra em que a beleza da paizagem, perpetuamente em festa, te parelhas com os encantos do céu mais estrellado e puro de todo o firmamento;

Quando, meus camaradas, essa patria do Brasil — o sacrificio seria a ausencia de saúde, da coragem, do talento, ou qualquer outra desdita que nos obstasse consagrar-lhe tudo.

E' o que o Exercito vos ensinará, por — na paz — a principal missão da paiz é construir as nossas forças sociaes normal-as effectivas por uma appropriada acção á autoridade. E' o que vos cume e levar, quando volverdes aos vossos lares, para a massa da nação, espalhando por toda a parte, com o vosso exemplo, que o patriotismo é um accôrdo entre o cidadão e a sociedade. Convindo em que a quadra actual, pela ausencia de condições uniformes, se estraçam thronos, pulverisam instituições e se desconectam patrias, á furia de ambições tumultuosas, cumpre mostrardes, sob outro aspecto, que o patriotismo é um concurso de corações volvidos para os mesmos lares. E notando ainda que, no presente, a confusão de não sei quantas aspirações disparatadas, nublando o futuro, não denuncia o proximo alvorar de uma doutrina geral que discipline as consciencias, domine as vontades, e unifique as opiniões, para imprimir direcção conveniente ao homem e á sociedade, cumpre ainda nutirdes no animo dos vossos compatriotas que o patriotismo opportuno contribuirá na submissão, quanto possivel ao individuo ao Estado.

Para assegurardes a victoria nos campos de batalha, sede no Exercito, como soldados, as componentes da disciplina; sede na sociedade, como reservistas, as componentes da ordem. O cataclysmo ensanguentou, por cinco duros annos, as terras civilizadas do continente europeu, delatou bem que os exercitos, inevitavelmente semelhantes pelo material, as formações, pelas doutrinas de guerra, que lhes são proprias, só differem, na lucta, pela maior ou menor solidão seus attributos moraes.

A victoria nos campos de batalha, ha de preceder a victoria na alma do povo do Exercito — porque a verdadeira

victoria é uma funcção estreita do patriotismo.»

Meus camaradas!

O vosso compromisso á bandeira recorda, neste momento, os heroes de 66 e o sangue de Tuyuty.

Acceitae, por isso, em nome desse sangue generoso, as nossas carinhosas saudações. E, como um rijo estimulo das vossas energias, guardae nas vossas almas essa pagina trepidante de bravura, impressa ha meio seculo na claridade da bandeira, que encerra

“As promessas divinas da esperança”.

Juiz de Fóra, 24 de Maio de 1920.

Capitão Daltro Filho

A localisação dos corpos de tropa no R. G. do Sul

E' caso resolvido o estacionamento de uma companhia de metralhadoras em Caxias, região colonial do Rio Grande do Sul.

Medida insignificante na apparencia, tem ella, de facto, o maior alcance, porque rompe a rotineira praxe de estender as nossas unidades ao longo de uma fronteira aberta e despovoada, como se os meios de acção dos nossos adversarios mais provaveis fossem ainda hoje o que eram ha cem annos antes.

Para que bem e melhor nos comprehendam, é necessario estudar a posição geographica relativa, os meios actuaes de comunicação, a densidade das populações, etc., das diversas e distinctas zonas do Rio Grande do Sul.

De facto. Sem pretender fixar a linha ideal que entre si separa essas terras, consideremos: 1.º) a «campanha», 2.º) a região dos maiores rios d'alli e 3.º) o nordeste. Posta á margem a segunda dellas, por não vir ao caso aqui, tratemos da «campanha» e do nordeste «colonial».

A campanha foi realmente a região em que, sob condições muito diversas das actuaes, feriram-se todas as nossas luctas internacionaes; lá repetir-se-ão um dia novos choques d'armas e talvez novas galopadas, mas sob condições bem diversas, se é que tudo muda com o tempo... E' a região pastoril. Alli vivem os nossos rebanhos, em extensos campos, guardados por uma população esparsa, pouco densa em relação ao territorio que occupa.

A pecuária, realmente, impõe a occupação, por parte dos homens, de um espaço muito restricto. São as terras das grandes fortunas e das grandes pobreza, num contraste inevitavel. Ao lado do *estancieiro*, rico de alguns milhares de contos de reis, vive o *posteiro*, o peão, descalço e mal-trapilho, a quem se não quer pagar mais de 30\$000 ou 40\$000 por mez, com o que deve manter filhos de quem se vêm os ossos aguçados apontar sob a pelle...

A vida, mesmo nos centros mais populosos desta região é insípida e caríssima. Os artigos de primeira necessidade escasseiam ahi e são trazidos de longe por uma via ferrea que vive no regimen das incertezas e que duplica o preço dos generos que transporta. As habitações disponiveis são raras, em regra velhas e caras. Os hoteis, com um serviço inferior, quasi sempre a cargo da prole do proprio dono, são de um preço muito elevado, em media 10\$000 por dia e por pessoa.

Compreende-se, assim, a repugnancia da maioria dos officiaes afamiliados em servir nos corpos desta região, ao que preferem, como menor onus, o caminho aberto da parte de doente.

Será facil entregar aos corpos que alli estacionam os seus homens mobilisados? Não seria difficil comprovar o quanto é mais facil vir do Chile a Uruguayana do que de Lagoa Vermelha, Vaccaria, etc., áquella localidade. Como será penosa semelhante mobilisação e como é difficil encontrar abnegados officiaes para os corpos que alli estacionam!

Mas, se amanhã uma força superior exigir que elles se recolham a seus corpos, para que os jornaes não possam opprimir (como ha poucos dias fez o *Correio do Povo*, de Porto Alegre), que o muito que os sorteados de origem estrangeira aproveitam é devido aos sargentos, por não lhes ter sido dado tratar com officiaes — esses officiaes terão que viver separados de suas famílias, por falta de predios a alugar, que nas cidades do interior só podem ser conseguidos um a um, quando são pedidos com grande antecedencia.

* * *

Os que pensam bem obrar mantendo este estado de cousas, obedecem a uma das duas correntes de idéas: ou se influenciam por interesses particulares, ou fazem

uma estrategia theorica, por abstrahir das condições do meio.

A maioria pertence mesmo a esta ultima corrente. São os que — porque? — pensam em guardar as nossas riquezas a nossa honra por uma muralha continua de tenues guardas, por um *cordão* ao longo das fronteiras!

No entanto, santo Deus: quem entre nós poderá ter illusões sobre o possibile recuo dessas forças no estado em que se acham, ou quem poderá ter illusões sobre a capacidade offensiva dessa tropa num futuro pouco remoto?

Com a região colonial já a cousa mudou de figura, porque lá está o melhor viveiro de homens, docéis e fortes.

Estudemol-a. Nella predomina a agricultura, além da criação de aves e porcos. E' o celeiro do Rio Grande do Sul, que assegura o sobejo de suas rendas. Alli não ha propriamente grandes fortunas e, como natural compensação, não ha pobres, que absolutamente o sejam. Não se conhece na região colonial do Rio Grande do Sul pessoa a quem falte o pão de cada dia, desde que queira trabalhar. Em muitos mezes de estadia nesta região quem escreve estas linhas viu um só mendigo em todas as muitas localidades que percorreu, e este mesmo exhibindo uma licença escripta da autoridade municipal tratava-se de um cego verdadeiro. Ha falta de braços, porque os não ha a aluguel. O colono, que é um forte, prefer trabalhar só com os seus, que tomam parte nos trabalhos rudes das roças desde a mais tenra idade.

* * *

A região colonial rio-grandense separa-se, por suas origens, em dois ramos: as colonias allemãs e as colonias italianas, o resto não merecendo citação especial por sem importancia neste raciocinio.

A colonisação allemã começou em 1824 e hoje, apesar do preconceito, resultam talvez da diversidade ethnica, que mal caldeia a população de origem teuta, el jaz desligada da *Vaterland* dos primitivos immigrants, embora a conservação do velho idioma, o que é ás vezes menor culpa sua que nossa.

Quando matamos o ultimo *mucher*, encostas abruptas do morro Ferrabrão esmagamos, nas illuminuras doentias, um sonho dos expatriados, todas as vel

idades dominadoras de uma raça forte. A guerra, que se pelejou em terras do município de S. Leopoldo, sejam quaes forem as suas causas apparentes, não passou de um incidente indelevel na historia da absorpção do menos numeroso dos dois grupamentos ethnicos em presença e em conflicto.

O colono allemão, contractado indifferentemente para o arado ou para a guerra, desbravou primeiro as nossas mattas virgens e misturou o seu sangue com o nosso, nas nossas primeiras luctas.

Documentos valiosos daquella época agitada da nossa nacionalidade, pertencentes ao tenente Souza Docca, que os tem transcripto na *Revista dos Militares*, fallam sempre em «recrutar nas colonias» como cousa bem natural: assignam-nos os Barbacenas, os Browns, os Macenas, etc. O 27.º de allemães teve um comportamento heroico na batalha celebré do Passo do Rosario ou Ituzaingo, ferida a 20 de Fevereiro de 1827.

As colonias italianas datam de tempo muito mais recente, de pouco mais de 30 annos. São um milagre de energia e de tenacidade.

Contrastando com a «campanha», onde as povoações são muito afastadas umas das outras, aqui as localidades se succedem a 10 e 20 kilometros.

Dada a escassez de areia, embora a pedra seja abundante, as habitações são em regra de madeira, que alli é de baixo preço. O grosso da população, constituindo os verdadeiros colonos, reside nas chamadas «linhas». O colono que tem poucos filhos não se julga feliz, posto que a principal riqueza consiste para elle na prole, que ha de ajudal-o nos trabalhos da roça. D'ahi, o accrescimento continuo da população.

A vida alli é muito barata. Os generos alimenticios são produzidos lá mesmo, excepto o café, o assucar e outros poucos, que, no entanto, não são vendidos por maior preço que na capital do Estado. As forragens custam pouco mais que nada, ao tempo da safra.

No que diz respeito a habitações, a mesma carencia que se nota nas cidades da campanha, pelo que, quer numa, quer noutra região, impõe-se a prévia construção de casas para officiaes, tão necessarias como os proprios quartéis para os soldados.

A agua é pouco abundante em certas partes, porque a região é montanhosa e desprovida de rios, salvo o das Antas, encachoeirado. Caxias, para onde vae a Cia. de metralhadoras, tem tal escassez do precioso liquido no seu perimetro urbano, que algumas fabricas vão abandonal-o. E' essa uma circumstancia que não deve ser esquecida na escolha do local para o futuro quartel e casas de moradia dos officiaes (*).

Em todo o caso, ha excellentes mananciaes nas proximidades daquella cidade.

Examinemos agora a questão do transporte das unidades, préviamente mobilizadas, para uma frente qualquer.

As necessidades do commercio determinaram uma fundamental alteração, em poucos annos, no traçado das nossas vias de comunicação.

O exame do que já existe utilisavel e do que se está realisando nesse sentido vae mostrar que a velha concepção de cobrir mais ou menos o territorio não corresponde ás actuaes necessidades militares.

Já lá se vae o tempo das guerrilhas e assaltos inesperados, pondo fim á lucta pelo saque da propriedade particular, systema que obrigava a fazer destacamentos, guardadores de rebanhos (vide a correspondencia do Marquez de Barbacena, etc.), embora taes forças viessem depois a faltar nos pontos decisivos, como se deu com os 1.400 homens do general Bento Manoel, na batalha do Passo do Rosario.

Tudo mudou.

Hoje, mesmo no caso de uma campanha defensiva, é necessario pesar bem se é possivel mobilisar e reunir as unidades constitutivas do exercito de campanha antes que se dê a intervenção do adversario.

Sob esse ponto de vista, pouco importa que os corpos de tropa se achem em tempo de paz ás portas dos vizinhos, desde que não se possa passar no tempo devido do pé de paz ao de guerra, pelo augmento de material e incorporação de reservistas.

(*) N. da R. — Identica reflexão caberá para a locação do 3.º R. C. D. no Rosario: não deverá ser na villa, mas proximo a uma das estações da e. f., no município, dentro da fazenda nacional.

A condição actual impõe o dilemma: ou recuar, ou succumbir.

Quando Napoleão, depois de Preussisch Eylau, recolheu suas tropas a quarteis de inverno, ensinou-nos de uma vez para sempre como procedermos em casos semelhantes ao nosso. Se as tivesse disposto em uma linha descoberta e avançada, provavelmente não teria escapado á sorte de Julio Cesar, na campanha de 700, em que viu as suas legiões soffrendo revezes terribes, a que só uma grande superioridade tactica e o genio militar do chefe puderam responder.

Taes considerações impõem a retirada do O. do Rio Grande do Sul de todas as unidades que alli não possam encontrar os recursos de guerra de que necessitem. As unidades deixadas lá, obedecendo a um plano de conjuncto, devem ter ao seu alcance os elementos materiaes e humanos indispensaveis a que — avançando ou recuando — permittam a chegada das que, partindo das regiões mais populosas, venham opportunamente. Estas ultimas ficam, pois, dependendo, quanto á sua localização, do traçado das vias ferreas.

Assim, uma unidade localizada em Carlos Barbosa (região colonial) ficaria numa encruzilhada: com duas horas de transporte ferro-viario estaria em Caxias e d'ahi em pouco tempo no Paraná, concluida que seja a linha que vae deste ponto ao Rio Negro; com um tempo mais ou menos equivalente estaria em Montenegro, isto é, sobre trilhos que vão a Porto Alegre ou a Santa Maria, posto que as tres localidades formam um angulo cujo vertice está em Montenegro; partindo ainda de Carlos Barbosa, em tres horas (estrada de maior velocidade) alcançaria Alfredo Chaves de onde, em tempo equivalente, estaria em Marcellino Ramos, sobre a S. Paulo-Rio Grande, na fronteira de Sta. Catharina.

Uma criteriosa exploração dos recursos ferro-viarios desta região permittiria ainda desafogar a Porto Alegre-Urugayana, pelo menos até Sta. Maria, e, tambem, em parte, a S. Paulo-Rio Grande, cujo percurso passaria a ser mais seguro e menor.

Conclusão: Por qualquer lado que a

questão seja encarada, os corpos de tropa devem ser, em principio, localizados nos centros populosos de Leste do Rio Grande do Sul.

1º tenente Francisco de Paula Cidade

O EXERCITO NO FUTURO

"Deduccões da guerra mundial", pelo General Barão von Freytag-Loringhoven. Trad. do inglez

Embora a grande guerra não tenha de forma alguma revolucionado completamente a arte militar, nem por isso devemos deixar de tirar della algumas lições, quer para o futuro desenvolvimento do nosso Exercito, quer para o methodo de instrucção.

Quanto á organização, deve-se reconhecer em primeiro lugar que nenhuma pode satisfazer todas as contingencias da guerra e que, por isso, é da maxima importancia torna-la quanto possivel elastica e susceptivel de adaptação. No correr da grande guerra reconheceram-se que era impossivel conservar as primitivas unidades e assegurar assim a constante influencia dos chefes sobre as suas tropas, ou, pelo menos, tornou-se impraticavel ir nesse particular além da divisão. Esta tornou-se uma unidade estrategica e adquiriu um desenvolvimento correspondente; em muitos casos os corpos de exercito se transformaram em grupos de exercitos e o numero de divisões componentes soffreu constante fluctuação. A questão da conveniencia da ordem ternaria das grandes unidades foi posta de lado em face das exigencias da guerra. Isso de forma alguma é uma experiencia nova. Napoleão jámais hesitou em alterar o numero de divisões dos seus corpos de exercito. Estes ultimos eram constituídos de accordo com as exigencias da situação, com a personalidade do chefe e com o numero de unidades subordinadas de que se dispunha.

A guerra demonstrou a necessidade de se dotar a infantaria com um maior numero de metralhadoras do que o previsto por nós em tempo de paz. Na guerra defensiva, como já indicamos, a tendencia tem sido para se poupar cada vez mais as reservas de homens, conduzindo-se a batalha na linha da frente por meios mecanicos, metralhadoras e minas, apoiadas pela artilharia. A artilharia de campanha, cuja obrigação era agir numa intima cooperação com a infantaria, não precisou realmente de um augmento absoluto do numero de baterias e sim do numero de baterias de obuzes. Por outro lado, no caso da artilharia de posição, engenharia, companhias de lança-bombas, tropas de estrada de ferro, telegraphos e automoveis, e copro de aviadores, verificou-se a necessidade de um consideravel augmento. Não será necessario augmentar o effectivo da cavallaria no futuro; mas essa arma deverá conservar o seu effectivo actual, o que permittirá talvez, em uma futura guerra que, se reduza a cavallaria da reserva, de sorte a dispôr-se de homens e cavallos para outros fins. Em face das modernas armas de fogo e dos exercitos de massas, são mui poucas as oportunidades que se offe-

cem á cavallaria de fazer reconhecimentos que, em grande parte, são executados pelos aeroplanos. Não obstante, esta prolongada guerra de trincheiras e a circumstancia de ter sido esta valiosa arma empregada somente como infantaria, não nos devem levar a conclusões falsas. No começo da guerra, no oeste e mais tarde no leste (especialmente na Lituania), a nossa cavallaria prestou relevantes serviços e o mesmo se pode affirmar da campanha contra a Rumania. Logo que a guerra passou a ser feita em campo aberto, a cavallaria demonstrou sua importancia. Ella se torna indispensavel, quer como supplemento da aeronautica nos reconhecimentos a pouca distancia, quer como um curso de defesa movel. Além disso, é essencial dispôr-se de uma força veloz que possa rapidamente deslocada de um sitio para outro. No mesmo tempo, no adextramento da cavallaria em tempo de paz, deve-se dar a devida attenção á guerra de trincheiras e maior attenção se deve dar ainda ao combate a pé do que até agora se tem dado.

Nas nossas grandes manobras, apenas parcialmente será possível representar as condições desta guerra mundial. As manobras, sem duvida, não de ser mais adequadas ao modo actual de combater e como nas nossas praças de exercicios só raramente será possível cavar trincheiras, teremos de fazer isso nas manobras, desde que esteja de accordo com a situação ideada, contanto que se possa fazer sem damno para os campos. A outros respeito, porém, não será possível organizar as nossas grandes manobras de conformidade com as condições que prevaleceram na grande maioria dos casos, nesta guerra.

Não poderemos nas nossas manobras de tempo de paz dar uma representação da guerra de trincheiras em larga escala. Tudo que poderemos fazer será praticar o ataque de posições fortificadas de campanha mais frequentemente do que o temos feito até agora. O numero e a extensão dellas, porém, devem ser sempre relativamente limitados pela consideração da despesa que acarretam. Por isso, tudo o que poderemos fazer será dar ás companhias e battalhões uma pratica completa da guerra de trincheiras e familiarisal-os com todas as circumstancias de ella nascem. No caso das nossas forças das fronteiras, o necessario adextramento podia ser combinado em grande parte com a construção de nossas fortificações. Incidentalmente se effectuaria com isso uma economia de trabalho civil. Algumas tropas estacionadas no interior do paiz também poderiam ser temporariamente destacadas para a fronteira, com o mesmo fim. O nosso constante objectivo deverá ser o de conservarmos idéas exactas a respeito da guerra de trincheiras, sem dar-lhe o logar principal no nosso adextramento. O logar principal — nunca será demais repetil-o, pertence á guerra de movimento, embora em pouco differente nas processos daquella que os era familiar antes da conflagração.

A tal respeito conviria que se insistisse mais, no adextramento em tempo de paz, no terreno das operações, cousa que na guerra é inevitavel, contanto que d'ahi não resultasse damno para a resistencia das tropas nem para a iniciativa dos seus chefes. Já em 1861 Moltke

escrevia (*): «Se quizermos que as manobras não engendrem falsas noções, é preciso que se dê toda a consideração ao terreno e ás distancias. Todo o curso da batalha tornar-se-á, em consequencia, differente e mais lento».

Taes palavras, escriptas muito antes de 1866, têm merecido muito pouca attenção. Em uma ordem do Rei Guilherme, expedida depois da batalha de Gravelotte-St. Privat, diz elle: «Devo lembrar-vos que o ataque de uma posição inimiga deve ser previamente preparado pela artilharia e por fuzilaria bem dirigida... Presto toda a homenagem ao bravo assalto da infantaria, que até hoje não achou nenhuma missão superior ás suas forças, mas espero também que a intelligencia dos officiaes os habilitará para o futuro a colher os mesmos resultados com um sacrificio muito menor, mediante o habil aproveitamento do terreno, uma preparação mais completa do ataque e o emprego de formações apropriadas».

Egualmente, no começo desta guerra, muitas acções poderiam ter-se desenvolvido mais calma e systematicamente e á custa de menos vidas, colhendo-se ao mesmo tempo resultados mais decisivos. Mesmo assim, podemos nos regosijar de que se applicuem tão completamente á nossa infantaria as seguintes palavras de Clausewitz: «Feliz o exercito em que com frequencia a bravura se manifesta inoportunamente; isso é um crescimento exuberante que denota a riqueza do solo.» (**) Devemos nos esforçar em manter, por todos os meios ao nosso alcance, esse esplendido vigor no ataque de nossa infantaria. A infantaria não deve esperar que a artilharia faça tudo; só raramente, por certo, ella deve atacar prematuramente de tal sorte que seja impossivel á artilharia exercer toda a sua efficacia no momento azado. Por isso um dos deveres importantes dos commandantes, nas futuras manobras do tempo de paz será o de cuidarem que as suas tropas tenham noções claras a respeito da gravidade, do objectivo e da duração da guerra moderna, e ao mesmo tempo o de accentuarem a efficacia das armas modernas. A cooperação da infantaria e artilharia deve ser assegurada em todas as emergencias. Um bom meio de conseguil-o seria realizar-se um mutuo intercambio dos officiaes commandantes de infantaria e artilharia, respectivamente.

(*) *Bemerkungen über den Einfluss der verbesserten Feuerwaffen.*

(**) Von Kriege, III. C., § Kap.

O CASO DA BAHIA

Quem será — civil ou militar — que não tenha sympathias pelos estudantes?

E dos que já frequentaram bancos academicos, qual será o que não vê com saudade essa bella phase da vida, em que a liberdade e a inexperiencia multiplicam as esperanças, e o espirito mais vibril domina e encanta?

Com essas perguntas a nós mesmo feitas, quedamos perplexos ante a inconveniente attitude de tantos homens de responsabilidade que ao emvez de acalmar os moços e pugnar decisivamente para a averiguação do incidente occorrido com estudantes da Bahia, se lançam na conquista das sympathias destes, incitando-os ás

deliberações de que é sempre capaz a mocidade — civil ou militar.

E trabalham para forçar uma questão de classe.

Felizmente, da parte dos militares ninguém pensa assim. Achamos que a força não pode ser organizada e instruída para ser desmoralizada, vaiada, parta essa vaia de onde partir, e consideramos como ponto inicial para esse respeito — todo de interesse nacional — que a força deve dar o exemplo, não desrespeitando nem desconsiderando pessoas ou instituições, sejam quaes forem.

E essa historia de classe já é por demais archaica. No exercito — ha um punhado de brasileiros cumprindo temporariamente seu dever militar da mesma forma que — nas academias ha um grupo de brasileiros preparando-se, temporariamente, para o exercicio de uma profissão. Aquelles chamam-se soldados e estes estudantes e amanhã não serão nem soldados nem estudantes, podendo bem acontecer que até troquem os papeis.

Como soldados precisam uns de ter grande autoridade moral para que não sejam sempre forçados a desempenhar sua missão a golpes de bayoneta ou a tiros de fuzil; como estudantes precisam, os outros, usar a sua cultura, geralmente mais desenvolvida, para comprehender a situação especial em que se encontra o soldado, acatando-o dentro dos limites da dignidade, considerando que elle não goza da sua liberdade e, para o bem publico, geralmente abdica da sua deliberação.

No caso da Bahia ha um fundo politico. Mas que culpa têm os soldados em todas as machinações politicas a que serviram dentro da sua missão constitucional?

Porque alimentar prevenção contra esses patrios temporariamente incumbidos de manter a ordem no interior e, no exterior, a integridade da nossa Patria?

Si o incidente teve particularidades puniveis e si se conhecem os responsaveis, apure-se a verdade e se localise o facto entre esses.

Mas não se queira chamar todo o Exercito a ser responsavel por um acto pessoal, nem se pretenda despejar sobre uma banda de musica ou sobre uma pequena força ou sobre praças isoladas, em remoques o odio que se formou pelo acto ou pelos actos de uma parte do Exercito no cumprimento de ordens legais.

Sabir do terreno da serenidade e da justiça, ampliar um incidente que se não poude evitar, por infelicidade, augmentar maldosamente actos ou consequências, que se tornam naturaes depois de certo ponto das questões, insistir em attribuir a uma classe inteira aquillo que se viu em 2 ou 3 individuos, chegar ao ponto de suspender o funcionamento de associações patrioticas como si a Nação pudesse ou devesse paralisar ante um incidente como o da Bahia, já é ter força de imaginação e esquecer-se de que não conviria mostrar ao publico o verdadeiro feitiço dos sentimentos com que se pretendia servi-lo.

Ha tantos e tão importantes problemas desamparados e esquecidos aos quaes se poderiam, utilmente, dar energias, elevando-se as personalidades, orientando-se o espirito crystalino da mocidade?!...

Para terminar transcrevemos as palavras muito simples do Sr. Ministro da Guerra na sua entrevista com o periodico «Hoje», de 3 de Junho.

«Si culpados houver entre os militares serão punidos. Mas tambem não tolera que a farda do soldado brasileiro se converta em libré de creadagem.

Acaso o quartel e a escola não se completam? O conscripto dos nossos dias mais que um numero: é um homem.»

E nos acrescentamos: **Como os outros.**

Notas sobre Historia Militar do Brasil

Introdução

É muito difficil escrever sobre historia, muito principalmente sobre a historia militar do Brasil, porque os documentos são escassos, os poucos que se encontram referem os factos sob um ponto de vista puramente descriptivo, e, portanto, despreocupados das exigencias da ordem technica que mais interessariam aos estudiosos militares.

A situação politica do momento em que factos se passaram, as idéas predominantes no povo, as condições intellectuaes, moraes e materiaes das tropas, a natureza do terreno, recursos bellicos dos partidos que se defrontaram e tantos outros factores que se não poderiam desprezar em um estudo consciencioso da historia militar, são em geral tratados superficialmente, exigindo por isso um grande discernimento e não menor habilidade da parte de quem se propuzer a extrahir de taes despoções os elementos reaes e necessarios á reconposição dos factos propriamente militares.

Isso, porém, não servirá de pretexto para renunciarmos ao desejo de algo escrever sobre o assumpto, attendendo a que não é possível continuarmos apenas adstrictos ao estudo da historia militar dos povos estrangeiros.

Escrevendo este pequeno trabalho, não tem a pretensão de apresental-o senão como modesto ensaio, visando estimular a capacidade de outros para a confecção de uma obra mais possivel completa e na qual, além de prestarmos uma homenagem merecida aos nossos hercos antepassados, possamos tambem haurir ensinamentos que nos sirvam de inspiradores na nossa conducta presente e futura.

O Brasil não deve continuar a caminhar na mão alheia, nem proseguir na glorificação exclusiva dos heróes de outras plagas, porque, voltando com attenção o seu pequeno archivo, encontrará elementos sufficientes para não injar nenhum outro paiz.

Muitas das operações militares realizadas em primitivos tempos de nossa terra, quando ainda disputada aos portuguezes por varios outros povos, apresentam um certo cunho digno de nota e demonstram mesmo a grande sagacidade dos combatentes, ora procurando no terreno augmentar os seus recursos, ora lançando mão de estratagemas que foram bem os fundamentos da moderna arte da guerra.

O estudo desses factos, apezar da deficiência de elementos para reconstitui-los com a desejada exactidão, constituirá certamente uma boa base para ultteriores investigações; o nosso objectivo não vae além disso.

E' possível que se encontrem nestas notas muitas deficiências e mesmo enganos de nomes e de datas, mas temos a convicção de que esses pequenos senões não prejudicarão demais a essência do assumpto, que não comporta detalhes, mas visa apenas o principal.

As campanhas do Prata e a guerra contra o Paraguay, exigindo maior desenvolvimento, serão tratadas em trabalhos separados, o primeiro dos quaes, já se acha publicado sob o título — CAMPANHAS BRASIL-RIO DA PRATA.

Descobrimto e primeira organização militar do Brasil

Descoberto no anno de 1500 por Pedro Alvares Cabral, quando então reinava em Portugal D. Manoel, o Brasil foi dividido pouco depois, em 1534, já no reinado de D. João III, em 12 capitanias hereditárias, província que se affigurou de vantagem para a colonisação desse extenso territorio que aos portuguezes coube a fortuna do descobrimento.

A defesa das novas plagas, continuamente visitadas por aventureiros de toda especie, fôra um dos primeiros problemas a resolver; e, para provê-la, D. João III teve como especial cuidado a organização de uma esquadra que deveria cruzar ao longo das costas brasileiras e ao mesmo tempo servir, quanto pudessem, ao povoamento.

Essa esquadra foi composta de 6 náos e teve como commandante Christovam Jacques, que fundou uma feitoria em Pernambuco, fortificando-a.

Além disso, quando, adoptando as idéas de Christovam Jacques, D. João dividiu o Brasil em 12 capitanias, cada uma ou mesmo mais cabendo a um donatario, capitão-mór, provido de direitos e regalias especiaes, ordenou elle, como providencia complementar da defesa, que cada donatario tivesse em sua capitania, além da polvora necessaria, pelo menos 2 falcões, 6 berços, 6 meios-berços, 20 arcabuzes ou espingardas, 20 bestas, 20 lanças ou chuços, 40 espadas e outros tantos gibões d'armas dos que se usavam (acolchoados de algodão para amortecer os tiros de frechas).

Os senhores de engenho e fazendas foram obrigados a ter 4 terços de espingardas, 20 espadas, 10 lanças ou chuços e 20 gibões.

Todos os outros moradores deveriam ter ao menos uma arma, e, não a tendo, tratar de obtê-la dentro de um anno.

O desprestigio dessa lei importava em pena grave.

Em varios pontos do littoral ergueram-se trincheiras e fortins, onde a artilharia grossa, rodeada de montões de granadas de pregos, vigiava as aguas do Oceano.

Tal foi a primeira organização militar do Brasil-colônia.

As condições em que se achava Portugal indicaram essas providencias, pois que a marinha, em seu periodo inicial, modelada pela de Genova, se compunha de galés e galeotas, embarcações de boca aberta e borda baixa em que o remo era o principal propulsor.

Segundo disse o almirante Jaceguay (Livro do Centenario-1901), taes embarcações, primi-

tivamente remadas por homens livres, o foram depois por forçados, levando a bordo marinheiros para a manobra das velas e homens d'armas para combaterem.

Os officiaes das galés eram denominados VINTANEIROS e recrutados entre o pessoal arrolado nos registros da gente do mar.

Foi D. Fernando quem nessa epocha assentou os fundamentos da grande obra da navegação portugueza, estabelecendo principios que ainda hoje formam a base das mais sabias legislações navaes.

Progredindo sempre, a marinha portugueza attingio excepcional esplendor no tempo do infante D. Henrique, pois que esse rei «nô só creou marinheiros ousados, como tambem fez progredir a construcção dos navios e a arte de guial-os».

Descoberto o Brasil, sua riqueza florestal foi largamente explorada para a construcção naval, erguendo-se nas povoações á beira-mar estaleiros de onde sahiam, não só navios de pequena cabotagem, como tambem navios apropriados á navegação transatlantica.

Esses estaleiros, então chamados — *taracunas* —, posteriormente cresceram de importancia, transformando-se em verdadeiros arsenaes navaes, isto é, estabelecimentos de fabrico, conservação e aprovisionamento do material naval fluctuante, sendo que os mais importantes foram os da Bahia, Rio de Janeiro e Pará.

O systema de capitanias hereditarias não apresentou, entretanto, as vantagens esperadas, de modo que Portugal decidio estabelecer um governo geral no Brasil, unificando assim a administração da colonia e dando-lhe maiores elementos de segurança contra as frequentes invasões estrangeiras.

A capitania da Bahia foi comprada para servir de séde ao governo-geral, por ser a de melhores condições, sob o ponto de vista de sua situação geographica, dispondo, além disso, de magnifico porto de mar.

A historia militar do Brasil propriamente dita começa nessa epocha, visto como as luctas anteriormente travadas no territorio o foram entre particulares ou entre estes e aventureiros estrangeiros, embora no geral estimulados pelos respectivos governos europeus.

Alguns historiadores, porém, assim não pensam e fazem recuar de alguns annos o periodo inicial da referida historia.

Entretanto, esse recuo em nada aproveita ao assumpto, pois que as luctas anteriormente travadas e mesmo as dos primeiros annos após a instituição do governo unico nada apresentaram de interessante, podendo-se dizer que o primeiro acontecimento militar que desperta a attenção é a expulsão dos francezes do Rio de Janeiro, já no governo de Mem de Sá, 3.º governador geral do Brasil.

Antes, porém, convirá relembrar que o systema de governo-geral no Brasil teve, em sua primitiva organização, as seguintes bases ou principaes poderes: 1 governador-geral, chefe do governo; 1 ouvidor-geral, presidindo a justiça; 1 provedor-geral, dirigindo a fazenda; 1 capitão-mór da costa, encarregado da defesa do littoral.

Para esses cargos foram respectivamente nomeados — Thomé de Souza, Pero Borges, Anto-

(1) As capitanias eram: 1.º S. Vicente, 2.º Santo Amaro, 3.º Parahyba do Sul, 4.º Espírito Santo, 5.º Porto Seguro, 6.º Ilhéos, 7.º Bahia, 8.º Pernambuco, 9.º, 10.º e 11.º Maranhão, 12.º Ceará.

nio Cardoso de Barros e Pero Góes da Silveira, os quaes partiram de Lisboa a 2 de Fevereiro de 1549, acompanhados de 600 homens d'armas, 6 jesuitas, chefiados por Manoel da Nobrega, varias familias e 400 degradados.

A expedição, composta de 3 naos, 2 bergantins e 1 caravela, chegou á Bahia em 29 de Março, ali fundando Thomé de Souza a cidade do SALVADOR, cuja fortificação foi logo iniciada.

Primitivamente, ao proprio governador-geral cabia o commando das tropas, sendo mais tarde creado o cargo de alcaide-mór para essa funcção.

Thomé de Souza, além de ordenar a fortificação da cidade, organisou tambem a das capitánias, instituindo o serviço militar obrigatorio, sem excessos. Entretanto, não teve nenhuma operação militar importante a realisar, sua acção se limitando a luctas contra o gentio, que se rebelava ora em um, ora em outro ponto do Brasil, e a 15 de Julho de 1554 entregou o governo ao seu substituto, D. Duarte da Costa, nomeado então 2.º governador-geral.

Esse novo governador teve de enfrentar um periodo accidentado, pois que, além de innumerables operações que teve de empreender contra o gentio, que continuava a rebelar-se, passou ainda pelo desgosto de ver os francezes estabelecerem-se no Rio de Janeiro, sem que pudessem bñtel-os.

Nicolao Durand de Willegaignon, cavalheiro de Malta e vice-almirante da Bretanha, conseguindo a protecção do almirante Gaspar Chailion, conde de Coligny, como calvinista que era, obteve de Henrique II, rei de França, os necessarios auxilios para a organização de uma expedição contra o Rio de Janeiro, no intuito de ali fundar uma colonia que servisse de asylo aos sectarios de Calvino.

Willegaignon havia obtido de Henrique II 2 navios com 80 homens e 1 chalupa, chegando ao Rio a 10 de Novembro de 1555.

A bahia era, então, conhecida entre os indigenas pelos nomes de Guanabara ou Nictheroy.

Desembarcando no ilhéu em que hoje se ergue a fortaleza da Lage, naquella tempo denominado — Ratier —, dahi se passou Willegaignon para a ilha que hoje tem o seu nome e que era chamada pelos gentios de SERGIPE.

Nesse ponto construiu um forte, fundando o seu estabelecimento colonial.

Willegaignon deu o nome de COLIGNY ao forte, reservando o de HENRIVILLE para a cidade que projectava fundar no littoral e o de FRANÇA ANTÁRTICA para a colonia, que se estenderia pelo Brasil.

Em 1557, recebeu elle um reforço de 300 homens, vindos sob o commando de seu sobrinho Bois-le-Comte, em 3 navios, além de 18 peças de bronze, mais de 30 berços de ferro e varios mosquetões, desse modo podendo melhor solidificar sua conquista.

Duarte da Costa, não se sentindo em condições de contrapor-se á invasão dos francezes, havia apelado para a metropole, mas o fizera de balde, pois que a situação politica de Portugal se havia complicado com a morte de D. João III, a 11 de Junho de 1557.

Coube o throno portuguez a D. Sebastião, que contava apenas 3 annos de idade, de modo que o governo foi entregue á sua avó, a rainha Catharina d'Austria, como regente.

Tambem pouco depois, em 1558, Duarte da

Costa, que nada pudéra fazer contra os francezes, entregou o governo-geral ao seu successor, Mem de Sá, nomeado 3.º governador-geral, cabendo, então, a este as operações contra os invasores.

Antes de iniciar as operações contra os francezes, Mem de Sá teve tambem de luctar contra os selvagens, sendo forçado mesmo a ir pessoalmente á capitania de Ilhéos, onde, ajudado por Vasco Rodrigues Caldas, conseguiu uma série de victorias, entre as quaes a da BATALHA dos NADADORES, assim chamada por haver sido decidida a nado a lucta entre os contendores.

Considerações

Como se vio, a divisão do Brasil em capitánias hereditarias não dera resultado e dahi o ser forçado o governo de Portugal a instituir um governo geral, dispondo de unidade de acção e de maiores recursos para conter as frequentes invasões do territorio por aventureiros de toda especie.

Isoladamente, os donatarios das capitánias não dispunham dos necessarios elementos para uma acção energica e decisiva contra a pirataria dominante e que, ora aqui, ora alli, se atirava ao saque e á pilhagem, de modo que, instituido o governo-geral, poudo o governo portuguez congraçar os varios elementos dispersos e dar-lhes uma orientação firme, harmonica, de accordo com os interesses, quer da metropole, quer da grande colonia sul-americana.

Além disso, evitou o governo portuguez, com taes providencias, a futura formação de republiquetas, ao emvez do grande paiz em que se veio a transformar o Brasil.

Effectivamente, com a instituição do governo-geral, iniciaram-se as fortificações regulares do littoral e teve começo a organização de um pequeno exercito de defesa, graças ás providencias tomadas por Thomé de Souza, que, como dissemos, trouxera 600 homens d'armas e instituiu o serviço militar obrigatorio dentro de moldes compatíveis com as circumstancias.

A organização da defesa do Brasil, primeiro cuidado do governo unitario, apresentou sérias difficuldades, visto como só uma esquadra poderosa poderia tornar a positivamente efficiente, completando-a, dada a impossibilidade de garantir convenientemente tão extenso littoral.

Entretanto, não desanimaram os portuguezes, convindo notar que os pontos escolhidos naquella época para o estabelecimento das fortificações ainda hoje são, geralmente, os que melhores condições apresentam, apesar dos progressos realisados no decorrer dos tempos.

A arte da guerra, elles a adaptaram intelligentemente ás condições do meio, tendo em vista o seu objectivo.

O processo contra os indios era geralmente o da intriga.

Sabendo da discordia reinante entre os *moxibixabas*, os colonisadores tomavam o partido de um, obtendo, assim a alliança dos mesmos, e foi assim que, para derrotarem os *tamoys* no sul, por exemplo, serviram-se elles do odio tradicional que aos *tamoys* votavam os *temimimós*.

Era um processo incompatível com a civilização de hoje, mas será preciso notar que naquella tempo escassejavam os recursos para a organização de exercitos regulares.

A cavallaria não se podia organizar, por falta de cavallos; a infantaria, organizada em *terços* (regimentos), não lutava em formações regulares e apenas dispunha de poucos e pesados *arcabuzes*, posteriormente aligeirados em forma de mosquetes, de piques, chuços e espadas. O *falcão* (canhão de pequeno calibre) era mais proprio para a guerra naval.

A guerra naval, também teve de soffrer modificações, de accordo com as circumstancias, sendo que a mais original foi a organização das terríveis esquadrilhas de canoas, com as quaes os indios faziam a guerra e os portuguezes a imitaram.

Agiam ellas de preferencia durante a noite, aproveitando-se da escuridão e da rapidez relativa de que dispunham.

Na arte da fortificação das cidades, a necessidade impoz processos rudimentares: as *cacharas* de pão, as *juçaras* ou cercas de espinhos e as trincheiras de taipa.

Só mais tarde, já no século XVII, é que se tratou da nova fortificação em baluartes, com bastiões apropriados á defesa obliqua, permitindo o flanqueamento das linhas e o cruzamento dos fogos.

A defesa do littoral merecia especial cuidado da metropole, pois que, no estado da artilharia naval daquelle tempo (fraco calibre e pequeno alcance) a pratica havia demonstrado a enorme superioridade da arma instalada em terra sobre a montada a bordo.

Seria demasiado longa uma descripção de todas as fortificações daquelle tempo, muitas das quaes ainda subsistem, desafiando os rigores das intemperies.

Foi a capitania de S. Vicente, hoje Estado de S. Paulo, a que primeiro possuio fortificações regulares, dentre as quaes citaremos:

Santiago — trincheira levantada por Martim Afonso de Souza em 1532, para a defesa da villa de S. Vicente;

Forte de Santos — construido proximo á cidade do mesmo nome, em 1543, por Braz Cubas, reconstruido em 1770, recebendo então 11 canhões em baterias casamatedas;

S. João da Bertioja — fortaleza erguida em 1551 no local das trincheiras Santiago;

S. Luiz da Armação — construida na mesma época para auxiliar a precedente na defesa da barra de Bertioja;

Fortes de Sepetiba, Rabo Azedo, Cruz, Villa Bella, Araçá, Feiticeiras, Canas — construidos na ilha de S. Sebastião e no continente, constituindo um systema completo da defesa do canal e da bahia que a ilha fórma com a villa Bella da Princeza.

Na capitania da Bahia ergueram-se:

Trincheiras do Mar — duas baterias levantadas do lado do mar por Thomé de Souza para a defesa da nascente capital da colonia;

Santo Antonio da Barra — construida nos fins do século XVI, tendo a fórma de um decagono irregular.

No Rio de Janeiro:

Willegaignon — construida pelos francezes em 1555 com o nome de forte de Coligny, como vimos;

Castello — construida em 1572 com o nome de S. Sebastião. Depois da invasão dos francezes, foi construida outra com o nome de S. Januario.

Muitas outras de menor importancia poderiam

ainda ser citadas, pois que os colonisadores não se descuidaram dos pontos importantes situados nas varias outras capitánias.

Como se vê, os colonisadores se adaptavam com grande tino ao meio em que tinham de agir, aos recursos de que dispunham e á natureza do adversario a enfrentar, as operações militares quasi que se limitando a ataques e defesas de pontos ou posições, em que a bravura e o arrojo desempenhavam quasi sempre o papel principal.

E era assim mesmo que as cousas se deveriam passar.

(...n/nuua)

Nilt. Val.

CAPTURE DE INSUBMISSOS

O sorteio militar estava vivendo entre nós como si fosse uma instituição independente do Estado e capaz de subsistir só pelos seus effeitos e pelas sympathias que encontrou em certo grupo de patriotas previdentes.

Algumas promessas não executadas ou mal executadas, deficiencia de meios e recursos para o proprio serviço de alistamento, maus quartéis e pouca roupa, foram os elementos com que o Governo entendeu realisar a grande obra da conscripção.

Mesmo assim os resultados são animadores para o Paiz e de alguma significação para o Exercito. Já não é pequeno o serviço que o sorteio tem prestado a nacionalisação das nossas colonias, ao desenvolvimento physico dos nossos jovens patricios e á educação cívica do nosso povo.

Dessa comprehensão dá uma prova valiosa e animadora o actual Governo, resolvendo completar a execução da lei com a captura dos que a burlavam acintosamente, destruindo-a com o exemplo da impunidade, levando ao ridiculo todas as medidas que sancionavam sua existencia.

A captura dos insubmissos e a sua punição real — mesmo que seja **só com a duplicação do tempo de serviço** — constitue um dos maiores impulsos que a intelligente energia do actual Governo poderá levar á defesa nacional.

Si tomamos o rumo da nação armada, si é esse o unico sufficientemente util e si é preciso adoptal-o para resolver o elevado problema da nossa existencia como nação, devemos executar-o corajosamente, para tirar partido de todos os seus beneficios e reduzir ao minimo os inconvenientes pessoas oriundos de uma desigual applicação.

Só um verdadeiro desprezo pela nossa eficiencia militar, poderia conformar-se com a situação creada pelo desrespeito da lei do sorteio, desrespeito ostensivo e deprimente, prova maxima da decadencia da autoridade.

Dos 1741 sorteados no Districto Federal para o serviço deste anno, apresentaram-se apenas 745. Dos 996 rebeldes 141 já foram capturados. Destes, 12 foram julgados incapazes, 11 foram excluidos temporariamente e 10 postos em liberdade por motivos diversos. A justiça attendeu aos que mereciam e só está em falta com os petulantes que ainda gosam das difficuldades inherentes a um centro populoso e desorganizado.

O Snr. Ministro da Guerra fallando á redacção do «Hoy» manifestou-se justamente impressionado com a maneira por que a «escassez das communicações», os defeitos do «recenseamento dos alistáveis» e a falta de «meios de divulgação dos nomes dos sorteados», se reflectem sobre a conscripção. S. Ex. acha que o remedio principal está em um longo prazo medeiando entre a realisação do sorteio e a incorporação e, assim, pensa eleva-lo a um anno.

Não ha duvida que com essa e outras, modificações a lei do sorteio será mais adaptavel ao meio. O prazo de um anno para a incorporação ha de dar vida intensa ás sociedades de tiro — sem prejuizo algum para o Exercito permanente. Os sorteados aproveitarão o prazo que lhes é facultado para se apresentarem com a sua caderneta e a caserna ficará destinada aos que não tiverem força de vontade para tanto. Directa ou indirectamente dar-se-á um impulso consideravel ás nossas reservas.

Mas a chamada da turma suplementar não deve ser feita sem onus para os que se eximirem mais ou menos astuciosamente. Para isso conviria firmar que o sorteado chamado para substituir insubmisso seria immediatamente dispensado desde que effectuasse uma captura ou contribuisse para effectual-a.

Seria um legitimo e util recurso para a defesa pessoal dos desprotegidos.

2.^a LINHA

Srs. Redactores d'A Defeza Nacional!

Cordeaes saudações.

Li na vossa Revista, da qual sou assigante e assiduo leitor, um bom artigo sobre a organização do exercito de 2.^a linha no que diz respeito ao recrutamento de officiaes.

Penso que si o Governo persistir em crear difficuldades para o recrutamento do pessoal da 2.^a linha, nós nunca teremos officiaes principalmente para o corpo de saude.

Não sei explicar qual a razão por que os exames dos officiaes da 2.^a linha só podem ser feitos na séde das Regiões, obrigando o candidato a despesas, que bem podiam ser evitadas.

Vou referir-vos o que se deu comigo.

Quando estudante de medicina fui nomeado interno gratuito do Hospital de Marinha, estando eu no 3.^o anno.

Depois de ter feito o 4.^o anno, submetti-me a concurso, tirei o 1.^o logar e fui nomeado interno effectivo, recebendo o ordenado de 50\$000 mensaes com o desconto de 2% não sei para que fim, mas que acredito tratar-se ainda de negocios da guerra do Paraguay.

Depois de formado, vim estabelecer-me aqui em Itú, onde clinico ha doze annos.

No anno de 1918, havendo falta de medico no antigo 7.^o hoje 4.^o R. A. M. fui contractado para medico do mesmo, com as honras e vantagens de medico adjuncto.

Permaneci no Quartel como medico um anno e um mez, tendo o Governo por falta de verba rescindido o contracto.

Tive elogios de todos os commandantes com os quaes servi, principalmente por occasião da grippe.

Revelei, portanto, no parecer de todos os commandantes, capacidade profissional.

Note-se ainda, meus Srs., que gosando das vantagens de medico adjuncto, eu tinha as honras de 1.^o Tenente.

Chegada a epoca das inscrições para os candidatos aos postos de officiaes do exercito de 2.^a Linha, inscrevi-me regularmente e fui aceito.

Requeri então ao Sr. Ministro dispensa de exame, allegando tudo o que julguei ser a bem dos meus direitos.

Esse requerimento teve informação favoravel do Capitão Medico com o qual servira; do Coronel Commandante do 4.^o R. A. M. e do proprio Sr. General Commandante da Região, o qual, ás informações dadas, accrescentou que havendo já um precedente neste sentido, julgava justo o meu pedido.

Pois bem, apesar de tudo quanto expuz, o meu requerimento foi indeferido.

Como o meu requerimento foi remetido por intermedio do Commando do 4.^o R. A. M. esperei pacientemente que do Rio informassem o commando da unidade do despacho, o que só aconteceu quando a época legal já tinha passado.

Requeri então novamente ao Ministro, pedindo que, por equidade, me concedesse uma época extraordinaria para poder submeter-me a exames.

Novo indeferimento coroou a serie de aborrecimentos por que passei.

Tive um trabalho enorme de colligir os documentos necessarios para a minha inscripção, para no fim ver tudo perdido.

Agora pergunto: que necessidade havia do Governo me sujeitar a prejuizos e despesas na Capital, quando eu já havia dado provas de habilitação?

Porque razão não podia eu ser submettido a exame na séde do 4.^o R. A. M. aqui mesmo em Itú?

Para ir a S. Paulo, eu tinha de abandonar os meus afazeres clinicos, quer dizer, deixar de ganhar, e ao mesmo tempo perder no minimo 3 dias em S. Paulo, sujeito ás despesas.

Vêdes, Srs. Redactores, que é o proprio Governo que difficulta a incorporação de profissionaes no exercito de 2.^a linha.

D'aquí ámanhã, si houver uma guerra, estou certo que o Governo me arrebanhará para prestar meus serviços profissionaes, independente de concurso e mais formalidades. Porque pois difficultar a minha incorporação num caso todo especial qual o meu?

Que se exija concurso para os medicos que se destinam á 1.^a linha, vá, porque o concurso, apezar dos pezares, é ainda um bom meio de seleccionar os candidatos, sempre numerosos aos logares de medicos do exercito. Mas para a 2.^a linha, quando o Governo tinha todo o interesse em possuir uma estatística (1), dos medicos validos para serem chamados, é o que não comprehendemos.

O Governo tinha todo o interesse em recrutar-me na 2.^a linha porque aqui moro e daqui não pretendo sair e deste modo estava sempre prompto a, como medico militar, prestar os meus serviços ao Regimento aqui aquartelado, na falta de medicos militares, o que não é difficil de se dar, como de facto se deu. Mas contra os factos consummados não ha remedio. Esperemos melhores dias.

Dr. Braz Bicudo de Almeida,
Medico civil

(1) *N. da R.* — Muito bem! Não ha duvida que ao lado dessa tão necessaria estatística precisamos ter os quadros de saúde da reserva de 1.^a e 2.^a linha organisados, com pessoal que satisfaça as exigencias profissionaes, de idade e de alguns conhecimentos militares adequados. O estagio de um anno em um corpo de 1.^a linha servindo como medico adjunto foi sufficiente para que muitos medicos entrassem para o quadro de 1.^a linha sem outra formalidade e — sempre será — para que o medico pertença aos quadros de saúde da reserva de 1.^a ou de 2.^a linha.

Naturalmente, no caso trata-se de *lettra de lei*, mas, não cansemos de repetir «a falta de um quadro de saúde de reserva é das que não podem persistir.»

Mesmo outras concessões seriam justificaveis para um individuo que é medico e está prompto a prestar seus serviços — sem ser arrebanhado — e sem onus para a Nação.

Eis ahi uma das muitas questões de real utilidade a tratar na actual sessão legislativa: revisão das leis de recrutamento dos officaes de reserva de 1.^a linha e de 2.^a linha, de fôrma a dar-lhes vida real, efficiencia.

O estagio na tropa em terras distantes

A' questão do estagio nas guarnições longinquoas se impõe uma solução legal, para que não continuem as regiões da fronteira como zonas indesejadas, talvez dignas somente de *indesejaveis*.

E' a falta de regularisação do estagio que as faz temidas e viverem em continua crise de officiaes.

Até agora o meio por que ellas os obtêm, provém de duas fontes: dos filhos do lugar ou que ahi se estabilisam, dos *indesejaveis* de qualquer natureza que lhes mandam.

A 3.^a fonte, dos *voluntarios*, é quasi nulla, quando devêra ser a de mais abundante messe (1).

A crise continuará enquanto seguirmos o systema que tem mostrado a sua incapacidade para alimentar as tropas distantes com a seiva que é considerada a melhor do exercito.

Julgo que animado por um pouco do espirito de justiça, não se pôde censurar a quem voluntariamente não quer ir para essas regiões, desde que se sabe de antemão o que acontece.

Sae-se dos grandes centros, onde ha trabalho e progresso, luz, civilisação e tudo quanto pôde tornar a vida menos ardua e fazer a alma retemperar-se para os grandes labores e se chega, muitas vezes a logarejos primitivos, onde tambem se trabalha (geralmente com accumulo de serviços), mas não ha os recursos de aprendizagem e educação que mitigam a aridez da vida de quem não os encontra, estando acostumado a agir nos logares de mais sacrificio e nelles ter todos os elementos de seu proprio aperfeiçoamento profissional e geral.

E o retorno, se não tem mão forte que o ampare?

Ficará como um desterrado, como um banido, ou usará de meio doloso ou oneroso que dir-se-ia a paga de um louco ideal.

Não é esse o melhor regimen, nem o

(1) *N. da R.* — Esta fonte pode ficar fóra de discussão. Será lamentavel que o numero dos que cumprem gostosamente a ordem de seguir para as guarnições afastadas, seja ainda pequeno; devemos ser justos constituindo com estes a 3.^a fonte — a dos que espontaneamente se exercitam no cumprimento do dever, calcando seus interesses privados — demonstrando uma qualidade militar notavel.

mais justo e educador, o mais moral e formador do character, que todos nós pretendemos incutir na alma brasileira.

E' imprescindivel uma solução que tambem seja a «mais util e economica» ao exercito, á nação e ao individuo.

O estagio de um anno em taes regiões deve dar direito á transferencia ao official que a requerer. Dessa maneira a officialidade irá, com o tempo, conhecer as zonas que mais necessitamos investigar. Dessa remessa de sangue novo ás mais distantes partes do organismo nacional, resultará o commercio do trabalho e das idéas mais intenso e o caldeamento do *meio militar antigo* ahi encontrado, de tal modo que o inconveniente da longa temporada nos logares atrasados, se fará sentir no minimo (2).

A Marinha Nacional effectua o estagio com o mais brilhante successo. Não me consta que alli alguém se furte ao cumprimento do dever, custando executar as ordens recebidas de partir para as zonas *indesejadas*, ou dellas se eximindo. Todos os marinheiros sabem que o *desterro* será temporario e que toca a todos, e por isso não perdem um instante em peguir a destino.

(2) *N. da R.* — E chegarão a ser eliminadas todas as difficuldades que se defrontam no aspecto nacional e no individual da questão. Presentemente se justifica o estagio de um anno, mas logo que as guarnições melhorem, não. Em um anno pouco serviço se presta no ponto de vista administrativo; esse tempo é o necessario para bem conhecer o meio e ficar em condições de commandar com vantagem. De qualquer forma, porém, os officiaes que têm mais de um anno em guarnições afastadas, devem ter o direito á transferencia para centros mais adiantados no ponto de vista profissional e geral, assim como os officiaes que nunca foram a esses lugares têm o *dever* de se conformar com a classificação que a sorte lhes destinar, indo substituir alegremente os seus camaradas que têm direitos iguaes e iguaes aspirações.

Mesmo sob o ponto de vista das promoções, a equidade das classificações teria excellente influencia evitando este circulo vicioso: o official não é conhecido porque não foi classificado em condições de o ser, e não é escolhido para a promoção porque não é conhecido e não teve quem se lembrasse de examinar os seus serviços em relação ás difficuldades que precisou vencer. Um estagio regular talvez não seja exequivel, porque o numero de unidades das fronteiras não comporta a passagem de todo o quadro de cada arma e seria muito caro; a transferencia mediante requerimento e a pratica de uma classificação justa, criteriosa, guiada pela razão e pelo amor ao serviço publico — sem predilecções — constituiria um grande progresso para o Exercito.

E' uma questão que interessa incalculavelmente ao progresso da instrucção e consequentemente do exercito.

1.^o Tre. *Manoel Carlos.*

Novo meio de burlar o sorteio

Entre os sorteados isentos pertencentes á ultima classe, muitos o foram por serem *reservistas da Armada*.

Em 1919 foram isentos pelo motivo acima alguns sorteados dos municipios marginaes do Taquary (Rio Grande do Sul).

Parece que o facto serviu de incentivo, pois este anno, o numero destes cresceu de muito.

Ora, o documento que apresentavam e juntavam á petição de isenção limitava-se a cadernetas de matricula na Capitania do Porto, na qual, a maior parte das vezes, constava simplesmente, que o requerente desempenhára as funções de *moço* e quasi sempre durante um periodo ridiculamente curto: alguns não chegavam a estar um mez no serviço.

Outros passavam o mesmo tempo, em uma simples lancha. De um foi informado que, preconcebidamente, para furtar-se ao serviço militar, empregára-se a bordo.

Não é possivel que a lei considere reservistas navaes a individuos em taes condições; provavelmente ha um erro de interpretação que cumpre ser esclarecido.

Evidentemente a Marinha Nacional tambem não tem interesse em acobertar semelhante burla; seria uma tola auto-illusão considerar taes elementos como reservistas navaes.

O que traz de novo o R. I. S. G. 1920

(Continuação)

III

Título III — Dos serviços geraes. — No art. 230 acrescentou-se a chamada ao 280 e neste foi additada esta explicativa, no fim: «Mesmo durante as horas de instrucção devem ficar no corpo da guarda o edte. ou o cabo e além delle mais uma praça».

No art. 231 — todo o pessoal de serviço permanecerá armado e uniformisado — foi encaixado: «excepto cabo de dia e plantões»; e acrescentada a explicação: «O cabo de dia e o plantão de «quarto» conservarão apenas cinturão».

No art. 232, discriminativo do pessoal de serviço diario em um R. I. foi acrescentado um § unico: «O principio consagrado no item 14 do art. 97 será applicado quanto possivel em todas as subunidades, isto é, até ás esquadras, de modo que o pessoal escalado para um mesmo serviço seja da mesma fracção de tropa».

Houve um engano na citação: é o item 14 do art. 98, que já constava, tal qual, na 1.^a edição.

O *official de dia* (art. 233) apresenta-se aos edtes. quando chegam ao quartel si não estiver nalgum serviço que não convenha interromper; neste caso se apresentará assim que possa (it. 3); identicamente procede para receber e acompanhar outras autoridades (it. 4); põe o visto na parte de serviço, escripta e assignada pelo adjunto

respectivo livro (it. 7, ex-6); para conceder excepcionalmente dispensa de pernoitar no quartel ouvir o sargenteante (it. 17, ex-14); pôr liberdade as praças que concluírem castigo, mesmo que haja omissão no boletim (it. 20); o it. 21 não é prohibido ao preso levar seu pote para a prisão; não faz mais diariamente ação dos moveis e utensilios da sala do official de dia (it. 22) fiscalisa a distribuição da ração (it. 23) (naturalmente aos animaes não distribuidos ás subunidades); assiste á visita medica nas prisões e nos alojamentos, salvo aqui estiver presente o official respectivo (it. 25); essa ou manda passar revistas nos alojamentos (it. 26).

Se o official de dia residir perto do quartel, alcance do toque de corneta não é obrigado a pernoitar no quartel; o cdte. do corpo pode em boletim dispensar o pernoite, mesmo em aquella condição; tal dispensa é obrigatória sempre que a escala tiver menos de 5, officiaes normalmente isentos desse serviço (it. 27). A escala de official de dia comprehende aspirantes, subalternos e capitães (estes addidos) e não commandem companhia, sendo que os timos só se não estiverem na escala de dia guarnição, e naquelles excluem-se os ajudantes, secretario e director da escola regimental.

Se a escala assim formada vier a ter menos de 5 entrarão ao mesmo tempo (caso em que essa a obrigação do pernoite) os ajudantes, o secretario e o professor, e se ainda assim não for atingido aquelle numero entrarão tambem ao mesmo tempo todos os cdtes. de companhia e o ajudante do regimento «quando subaltno» (art. 234). Não se sabe de onde vem essa odiosa excepção em favor do capitão-ajudante!

Nas attribuições do *sargento de dia do batt.* (art. 236) foi acrescentado o it. 4: «Informar o adjuncto de todas as faltas ou irregularidades que occorrerem se não estiver no quartel algum official da unidade respectiva e se não puder providenciar».

Para o *cabo de dia á companhia* (art. 239) foram trocados de lugar os it. 1 e 2: elle primeiro recebe o serviço e depois apresenta-se; qualquer official que entre no alojamento o cabo de dia só se apresenta a primeira vez; designa os plantões para os quertors, 1.º, 2.º e 3.º, na ordem natural de seus numeros de praça (it. 20).

O *plantão de quarto* (art. 240) não é obrigado a estar sempre na porta (quem sabe na posição de «braço-vassoura»), nem tem o privilegio de dar o signal ou cdo. de sentido ao entrar um official; isso é obrigação de qualquer outra praça, a primeira que o veja (it. 1). Acrescentou-se: «*Observação* — A não ser entre as horas de recolher e da alvorada o plantão pôde sentar-se». E' razoavel a concessão e facil de comprehender a excepção, sobre a qual deve haver dobrado rigor.

Da fachina. — Foi revolucionado o art. 243, no sentido de generalisar o progresso já adoptado por muitos cdtes. adiantados. Desapparece o «cabo da fachina»; só excepcionalmente será encarregado uma praça simples ou um asnequada; deverá ser de preferencia uma ex-praça. Margem, p. ex., para aproveitar com proveito para o individuo, o Estado e a instrucção, asylados. Os serventes, em vez de praças escaladas, tam-

bem serão civis, de preferencia ex-praças (243 e 248).

Das revistas diarias. — Nos dias em que não houver instrucção (249, § unico) uma revista será passada pela manhã «segundo as ordens dos cdtes. de companhia e ajudantes».

«Os sargentos ajudantes e os 1.ºs sargentos normalmente não são obrigados á revista do recolh» (250 it. 3). Se um dos batalhões ou uma das companhias estiver de promptidão ou em forma por motivo de serviço determinado ou autorizado por ordem superior, sua revista ficará fóra da alçada do official de dia» (do 251).

A *revista medica* é passada nos alojamentos, salvo quando se tratar de exame que ali não possa ser feito; tal doente esperará, por ordem do medico, na sala deste (254). No mesmo livro das visitas o medico mencionará suas observações relativas á hygiene dos alojamentos e prisões (§ unico).

Ao art. 257 foi posto um «§ unico. Onde não houver enfermaria regimental a praça ficará no quartel durante a observação medica, salvo se tiver familia sua na localidade, a cuja residencia possa se recolher».

O sargento de saúde ao levar o livro das visitas ao fiscal lhe dará tambem uma nota, copia das alterações de praças que interessem ao boletim regimental.

Da parada e das substituições do serviço diario. — O antigo titulo era só: «Da Parada». A principal alteração é a de cessar a obrigatoriedade das formalidades da parada diaria, o que aproveita ao serviço em si mesmo e ao effeito e significação das paradas, tornadas menos vulgares.

Os officiaes que tenham de entrar de serviço não são mais obrigados a comparecer á parada, mas a estarem no quartel á hora da mesma.

O antigo art. 270 passou a § 1.º do 269. Como § 2.º vem a disposição que autorisa os cdtes. de corpos a reduzirem as paradas aos domingos e substituil-as nos dias de festa nacional por paradas na praça publica, segundo o R. E. respectivo. O § 3.º dispõe sobre a substituição dos serviços nos dias em que não ha parada.

Pelo novo art. 273 as guardas não commandadas por official ao recolherem ao quartel podem debandar com licença do fiscal se este for mais facil de achar que o official de dia.

Do rancho. — Do art. 285, it. 1, desappareceram uma porção de titulos de desarranhamento, porque pelo sorteio elles dão isenção e para voluntarios são prohibitivos. Supprimiu-se o art. 288 relativo á velha prohibição de abono de etapas atrasadas. Sancionam-se no art. 290 duas praxes consagradas: desarranhados não vencem etapa de extraordinario; em dias que não de festa nacional pôde haver melhora do rancho pelo cofre do Conselho Administrativo.

O art. 292 esclarece a concessão de rancho gratuito ao official de dia e durante os periodos de instrucção aos officiaes obrigados a permanecer no quartel para ministerial-a, fiscalisal-a ou nella tomar parte, dependente de recursos orçamentarios expressos.

Do boletim do regimento. — Acrescentado ao art. 297: «Os cdtes. de corpo e de unidades incorporadas mandam diariamente uma co-

pia de seu boletim (ou additamento) á autoridade immediatamente superior».

No mesmo art. altera-se o numero de exemplares a tirar do boletim e consequentemente o processo de transmissão do mesmo até á companhia. O 1.º sargento da companhia lê o boletim á unidade ou assiste á leitura feita por um sargento. Já vimos em outro art. que o capitão também ás vezes lhe assiste com seus officiaes, ou manda que um subalterno assista.

Accrescenta-se um § unico, dispensando o edte. de companhia de ficar preso no quartel por demora do boletim e regulamentando para esse caso a tomada das providencias.

O velho titulo «Batalhões de Caçadores e de Engenharia» foi substituido pelo, mais modesto, de — Observação. O art. 303 tornou-se superfluo.

A guarda das cavallariças não forma na paráda. «O serviço nas cavallariças é feito em uniforme de economia» (art. 311). «Durante as horas de instrucção deve ficar nas cavallariças um dos homens de serviço, salvo se toda a cavallhada estiver fóra» (do 312, it. 7).

O ferrador de dia e o aprendiz não formam na paráda (art. 316).

Do serviço externo de guarnição. — No art. 329 onde se recommenda para a organização desse serviço a maxima attenção á instrucção, foi accrescentado: «Importa reduzir os serviços de rondas e patrulhas ás occasiões excepcionaes; o serviço habitual de ordem publica é affecto á policia local e as praças do Exercito devem ser habituadas a respeitá-la, instruidas nesse sentido».

Das sentinellas. — No art. 354 foi alterado o it. 4: «Só entrar na guarita para se abrigar do sol, da chuva ou do vento, ou á noite, conservando sempre abertas as setteiras e sahindo para prestar as continencias, excepto em caso de chuva».

Dos militares que chegam a uma localidade ou nella se acham de passagem. — Na 1.ª edição dizia-se, em vez de «localidade», guarnição. Havia pois uma lacuna. No art. 371 augmenta-se de 24 para 48 horas o praso para apresentação do official que chega a uma guarnição.

No it. 3 estabelece-se a obrigação para os militares de communicarem á autoridade civil, onde não haja a militar, sua chegada, residencia e duração de estadia. O antigo it. 3 tomou o n. 4.

Identicamente, accrescentou-se no art. 372, essa obrigação de scientificar a autoridade civil quando um militar em transitio tiver que interromper sua viagem numa localidade onde não exista autoridade militar; cumprirá indicar-lhe qual a autoridade militar mais proxima para que lhe transmita a communicação do occorrido. No art. 374 desdobrou-se o caso da viagem em navio ou em trem. Neste 2.º caso fica necessariamente excluida a hypothese das viagens urbanas ou suburbanas. Nas viagens de trem é responsavel pela ordem e disciplina entre os militares em cada carro o mais antigo ou mais graduado.

Das destacamentos. — Foi supprimido o art. 391, relativo ao armamento da cavallaria: ha de ser o regulamentar.

Das ordenanças e praças empregadas. — Em vez de dizer que têm direito a ordenança «os officiaes arregimentados em serviço na tropa»

diz-se: os officiaes superiores e edtes. de companhias... (392).

O § 3.º estabelece que os bagageiros e ordenanças serão «si possivel promptos com mais de metade do tempo de serviço».

Pelo art. 394 o edte. do corpo fixa a quantia necessaria para indemnisação de artigos de limpeza a comprar pelo ordenança ou bagageiro para o serviço de seu official e legalisa a concessão de uma gratificação, também por este a seu criterio.

Pelo art. 396 nenhuma praça poderá ser empregada interna ou externa antes de completar o 2.º periodo de instrucção do seu 1.º anno. «Se por falta de pessoal fôr inevitavel infringir este preceito, a nomeação para emprego será feita sem prejuizo da instrucção».

(Continúa)

Instrucção de Infantaria

Quadros de instrucção destinados á organização de programas semanaes

IX

Trabalhos d' sapo

Direcção tomada pelo atirador em face de um inimigo supposto em determinada posição.

Collocação do fuzil e da mochila.

Conducta do visinho durante a construcção.

Modo de cavar (posição do corpo) e de empregar a ferramenta.

Primeiros recursos para mascaramento.

Considerações sobre as dimensões dos abrigos individuaes.

Transformação dos abrigos individuaes num entrincheiramento continuo.

Progressão: transformação de um entrincheiramento continuo para atiradores deitados num outro para atiradores de joelho.

(A) Construções individuaes sob o fogo e só com a ferramenta portatil

Observações: Os trabalhos desta chaye são feitos conjuntamente com os exercicios de «ordem aberta» (ver quadro III — aproveitamento dos accidentes e melhoramento). Para inicial-os, os homens devem, nos primeiros exercicios, ser collocados já estendidos, tendo-se antes feito em presença de todos um desses abrigos. E' recommendavel, para que cada um se habitue sempre e desde o começo a encarar uma situação, que se supponha a posição occupada pelo inimigo ou, antes, fazendo figurar a linha inimiga por alguns alvos em posição. O instructor acompanhará a conducta de cada homem na construcção de seu abrigo. Nos demais exercicios de ordem aberta em que a construcção dos entrincheiramentos não constitua o objecto da instrucção, basta que cada homem inicie a construcção (289 do R. E. I.). No periodo de recrutaa a construcção dos entrincheiramentos não deve ir além do typo para atiradores de joelho e de todos os trabalhos que o mesmo typo com-

porta. Até ahí só se deve empregar a ferramenta portátil.

De Joelho, de pé e reforçado (construção especial de cada um desses tipos).

Descrição summaria dos perfis.

Noção pratica da progressão com o aproveitamento da construção dos tipos.

Considerações durante a construção sobre:

Dimensões dos perfis e inclinação dos taludes.

Logares e situações onde podem ser empregadas obras de cada tipo.

Espaço por occupante e por esquadra.

Progressão e melhoramento pelos reforços ou pela própria tropa (demora na posição).

Campo de tiro, relevo, noção do tempo gasto, enfiaamento.

Disciplina na construção e silêncio, principalmente á noite.

Direcção do traçado.

b) Execução dos trabalhos (objecto de outra chave a seguir).

Observações: Começa-se fazendo construir especialmente por uma fila uma trincheira tipo, de pequeno desenvolvimento (cerca de 2 metros) com dimensões precisas e fazendo emprego de medidas, especialmente as dimensões da ferramenta de sapa. Esta construção servirá para os homens, comparando-a com as suas posições de corpo e proprias dimensões, guardarem melhor as dimensões das diferentes partes de cada tipo. Cada um destes deve ser construido opportunamente, isto é, só se deve construir o tipo de pé, por exemplo, quando os homens forem executar trabalhos deste tipo. E' na construção desses tipos e execução posterior pelos homens que devem ter logar as considerações que os mesmos comportarem.

1º Tenente *Barbosa Monteiro*.

Do Saycan

De um relatório

«São longas a experiencia e a insistencia com que o Estado procura fazer do Saycan uma fonte de remonta para o Exercito; os seus fracos resultados, porém, parecem de vez aconselhar o abandono dessa tentativa. Admittido mesmo o successo, isto é, que o Saycan pudessem fornecer os effectivos de solipedes do pé de paz (*), jamais o faria para o pé

(*) *N. da R.* — Cerca de 12.000 cavallares, (dos quaes 3.500 de tracção) e cerca de 1.500 muars, o que daria um contingente annual de 1.200 cavallares e 150 muars, suppondo-lhes como média de tempo de serviço — dez annos.

de guerra, o que é, portanto, antes um prejuizo, que um beneficio; esse successo mataria por completo a iniciativa particular e o creador já levado a abandonar a criação de equinos em vista de sua fraca remuneração relativamente aos gados vaccum, lanigero etc., a abandonaria de vez. E' facto commum em todos os paizes que somente a criação dos cavallos de corrida remunera, em vista dos altos preços que attingem alguns productos. A criação do cavallo de remonta, de tropa, porém, sujeita á exigencia de pêllos, idade, conformação, altura etc., paga a preços baixos, não é nada tentadora por si mesma para que o creador a ella se dedique; é preciso o estímulo do Governo, pelo premio, pela compra certa do producto, pela facilidade de lhe fornecer bons garantidos, etc.

Ora, si o Governo, em vez disso, pretender elle mesmo criar para suas necessidades de paz, o particular não terá nenhum motivo para se dedicar a uma criação pouco remuneradora, quando não onerosa e no caso de guerra faltará por completo este imprescindivel recurso. Além disso, a criação do particular é sobre tudo mais vantajosa. Creando pouco, póde crear bom, ao passo que a criação em grande escala nunca permite um completo apuro, pelo menos o melhor. Nessas condições, se deve de vez abandonar a tentativa de crear cavallos de remonta, dedicando-se exclusivamente á de reproductores, e instituindo-se a effectividade dos «Depositos de Remonta» onde se effectuarão em épocas fixas como estatue o respectivo regulamento, as compras annunciadas, desenvolvendo o systema de premios ao creador pelos productos apresentados com successo nos certamens hippicos (exposições, concursos hippicos, etc.) e fornecendo-lhes gratuitamente o padreamento das eguas (**), como já se faz e tambem mediante indemnisação, os pastores do tipo e raça escolhidas pelo Governo.

E' notavel o augmento crescente do abandono da criação de equinos no Rio Grande, havendo-se as commissões incumbidas de compras para a remonta, cada vez em maiores difficuldades. Basta lembrar que a compra de 300 ou mesmo 100

(**) *N. da R.* — E' necessario limitar o prazo desse serviço gratuito, p. ex., até o fim de 1922. Dahi em diante será remunerado o padreamento, seguindo uma taxa a mais modica possivel.

allos leva mezes a se effectuar, porque a sua maioria as tropas á venda constam o refugio das fazendas. Raros são os que se dedicam especialmente á criação e os que della desertam são a vez em maior numero. E, assim, creio que se dá muitissimo exaggerada a difficuldade da solução, si houver o retardo de alguns annos. Além destas razões de ordem geral que convidam o Estado a abandonar por conveniencia propria a criação do cavallo de remonta, referindo-se especialmente ao Saycan, é então totalmente improficua a tentativa.

Os campos aqui não são proprios á criação de cavallos de remonta, são fracos sobretudo muito humidos. Basta vêr a enorme mortandade occorrente no começo dos invernos e o pouco desenvolvido dos animaes, mesmo de meio sangue, para concluir-se a referida improducidade.

Não resta duvida que as varzeas marginaes do «Santa Maria» e mesmo uma ou outra mancha, porém dispersas, possuem pastagens que, sem serem finas, são de boa qualidade, mas essas mesmo não convêm á criação do cavallo de tropa porque o solo é arenoso ou quasi sempre humido, e fazem fraquissimos cascos.

Para que o Saycan podesse produzir em estas condições seria preciso effectuarem trabalhos consideraveis de preparação do campo. Ora, attentas as razões acima expostas, isso não parece conveniente.

Boa ainda a nossa affirmativa o conselho paralelo que somos forçados a estabelecer com os nossos, quando recebemos cavallos comprados na fronteira. A difficuldade profunda do desenvolvimento apreendido por uns e outros temos constantemente a de ser esta Fazenda constantemente impedida de effectuar compra de animais para o Exercito.

Os tipos vindos de campos finos, muito embora de paes inferiores em sangue e pureza a qualquer dos nossos garanhões estabeulados, têm no entanto muito vigor, mais desenvolvimento physico, emfim, mais vida. Os nossos em geral têm seu desenvolvimento retardado e, com a mesma idade, não guardam a mesma relação muitas vezes com irmãos de eguas não superiores ás nossas, em criadas e amamentadas em outros campos. E' a inferioridade destes campos

que os enfraquece desde cedo, campos que por sua natureza são destinados a não permittirem o desenvolvimento da raça cavallar, causando o seu definhamento constante.

Baseado, pois, nestas considerações, sou levado a propôr a regulamentação deste Estabelecimento, no sentido de crear apenas animaes destinados á reprodução, em condições taes que permita a melhora crescente dos typos destinados ao serviço das armas.

Não ha duvida que se restringindo o Estabelecimento a esse objectivo e ao de fornecer garanhões aos criadores particulares, crear-se-ia um certo augmento de despezas, mas cujo custeio poderia ser effectuado com a renda proveniente dos 4/5 do actual campo occupado pela Fazenda.

Si, no entanto, não julgando o Governo convincente a argumentação supra, quizer permanecer como criador, de modo a directamente proceder á remonta e, si apezar das considerações tambem acima referidas sobre a natureza e propriedade destes campos, quizer aproveitar neste sentido os campos do Saycan, permita, que me refira ao unico modo que julgo poderá revestir de um caracter pratico uma tal insistencia.

Neste caso cumprirá organizar o Estabelecimento, subdividindo-o em postos de administração providos de tudo quanto seja necessario á sua vida propria, cada posto possuindo 1.500 eguas, das quaes 400 escolhidas para receberem a cobertura de 4 pastores puros, 100 para a cobertura de 1 jumento puro e 1.000 para 10 pastores de campo; estes postos devendo possuir installações completas para abrigo do seu pessoal, animalada e material, sendo os pastores puros criados a estabeulagem completa e os de campo a meio estabulo no inverno, bem como o necessario ao plantio das forragens precisas ao seu gasto. A area necessaria ao bom funcionamento de cada posto póde ser avaliada em legua e meia ou sejam 75 quadras de sesmaria, e o pessoal devendo constar de 1 official como posteiro, 1 sargento auxiliar, 5 cabos como sub-posteiros e 14 homens como peões. Cada posto se incumbiria de seus plantios, coberturas, doma, etc. Só assim se poderá acabar com o systema de criação de animaes inteiramente chucros.

Propondo desde já a organização de 3 postos, calculo que a despesa com as installações necessarias não ascenderá a 250 contos de réis, comprehendendo as construcções de 1 casa para Official, 1 para o sargento, casas para o pessoal solteiro e casado, casas dos postos das hvernadas, cocheiras dos garanhões puros e galpão para os pastores de campo no inverno.

As despesas com a divisão appropriada dos campos, aquisição do material agrícola, installações telephonicas, etc., deverão ser feitas pelo Thesouro e custeadas com a renda da Fazenda as necessidades successivamente apparecidas, sendo indispensavel que o Governo dote a Fazenda com aquella quantia para realisação deste plano.

A séde actual da Fazenda, onde deverá continuar installada a Administração Central, ficaria sem o encargo directo da criação dos puros e como centro coordenador da acção dos differentes postos e ainda podendo preencher as obrigações inherentes á melhoria da raça cavallar neste Estado. Deste modo e somente assim, poderá apparecer algum resultado útil e apreciavel, dando fructos em vez de falhas, porque só dessa maneira será possível uma criação criteriosa, fiscalisada de facto e será somente assim permittida uma selecção e um apuro constante na criação. Além d'isso resalta logo a vantagem de se poderem aproveitar sem inconvenientes as manchas destes campos mais appropriadas a um tal mysterio, o que actualmente é impossivel fazer sem graves prejuizos, talvez. A não ser dessa maneira será baldado qualquer esforço e sem resultados dignos qualquer tentativa, salvo uma melhor organização. Mas nas condições actuaes os resultados serão sempre illusorios; o Saycan nunca se livrará da pecha de nada produzir e seus Directores estarão sempre atados ao pelourinho da difamação.

O ideal — resalvada a primeira idéa — será a organização desde já desses 3 postos, creando-se outros successivamente até o aproveitamento total das 11 leguas de campo que comprehende esta Fazenda Nacional, sem incluir o Rincão de São Gabriel que poderá receber então uma organização analoga. Nesse caso, porém, será preciso prover com recursos especiaes ás necessidades da Fazenda porque,

quanto a fornecer padreamento a animaes particulares, no interesse da criação, conviria que se fixassem normas taes que permittissem á Fazenda entrar em negociações com os Municipios criadores, de modo a que na epoca propria podessem os garanhões ser para lá transportados em boas condições. Para isso seria necessario crear postos de monta convenientemente apparelhados, não só em installações para abrigo e trato dos garanhões, como em elementos proprios a um bom serviço de coberturas.

Em certos Municipios poderia haver mesmo mais de um posto, por onde annualmente, nas épocas proprias, passariam as turmas de garanhões, revezadas convenientemente. As vantagens deste systema são innumeradas, além de não acarretar os inconvenientes do processo seguido actualmente.

(Entre ellas: poder-se-ia obter um numero muito superior de eguas cobertas e, ainda mais, eguas melhores, porque o particular não temeria os riscos de uma longa viagem. As eguas produziriam mais porque, padreadas sem os inconvenientes do actual systema, não soffreriam as difficuldades e constrangimentos que muitas vezes impedem a concepção.

Actualmente vêm-se por vezes apertadas pelo numero, num potreiro, eguas de todos os campos, eguas mesmo de trato e de diversas condições. Além d'isso recebidas á cobertura muitas vezes cansadas e agitadas, pelo que fatalmente ocorre desde o potreiro até o galpão de monta, não se acham em boas condições de conceber, falhando portanto, em grande numero de casos. Com o systema proposto desapareceriam estes inconvenientes, porque as installações appropriadas e o serviço feito talvez na propria querencia da egua, não prejudicariam as boas condições do padreamento. De resto, não havendo a concorrência das proprias coberturas para o Governo, o serviço vêr-se-ia desde logo mais simples e rendoso nesse ponto de vista.

Outro ponto que é preciso definir claramente numa regulamentação para o Estabelecimento, como proponho, é a serie de condições a que deve satisfazer um animal para gosar os foros de reproductor.

Não só os garanhões do Governo, mas tambem as eguas particulares inscriptas

a recebê-los, devem satisfazer as exigências que, partindo da raça, se estendam até o pello, a idade, a altura, as condições de seu estado physico e, sobretudo, as boas proporções das partes de seu corpo (***):

Para os garanhões, além de boa raça é preciso que, sem quaesquer defeitos, sejam ainda bellos; para as eguas basta que se excluam as raças diferentes da nossa creoula e da dos garanhões, e que não apresentem defeitos de conformação e que tenham altura sufficiente e pello conveniente, além da idade propria. E' necessario fixar a doutrina regulamentar nesse sentido, para evitar a confusão seguida pelas praxes actuaes.

Na escolha das raças dos garanhões hesitou-se muito tempo, enlevado pelo que nos contam as informações historicas sobre o cavallo Arabe, tomado como typo ideal. Eu mesmo muito tempo me fiz partidario de semelhantes opiniões que hoje reputo pouco praticas. Não que haja repudiado as minhas antigas convicções sobre as excellentes qualidades dessa raça primorosa e fonte sem duvida de todas as boas qualidades equinas, typos por excellencia de nobreza, docilidade, resistencia, velocidade e belleza, mas porque, somente assim, ambicionando-a para regenerar a nossa raça creoula, descri de obtê-la, em nosso paiz, em condições satisfactorias.

Os typos que tenho visto como garanhões não são sem duvida os *etalon* «amamentados com o leite de camela e de ovelha nem criados a aveia, sem se nutrirem em absoluto de verde», e não vendo mesmo a possibilidade de adquiril-os, o espirito pratico conduziu-me a appellar para o garanhão Inglez que, como nenhum outro mais, d'elle se approxima por suas bellas qualidades. Não concordo, porém, que se prognostique o puro sangue de corrida como o reproductor desejavel, sem se exigir d'elle mais que uma ascendencia notabilitada nas pistas officiaes ou officiosas. E' meu parecer que uma ascendencia illustre é uma bella recommendação e condição mesmo desejavel, mas tambem

creio que ao par, o typo physico deve apresentar proporções bem accentuadas e apropriadas ao fim tido em vista. Cavallos ha notaveis na velocidade que se tornam improprios para sella, por terem seus membros muito altos e portanto fracos, sua garupa mais alta que as cruces e portanto incommoda, lombo muito comprido e portanto rins fracos.

(Continua)

O R. T. A. por perguntas e respostas

Para os sargentos de artilharia

P. Quantas especies de tiro se empregam na artilharia?

R. Duas: tiro de tempo e tiro de percussão.

P. Qual a differença entre ellas?

R. No tiro de tempo o projectil arrebenta no ar, depois de percorrer uma determinada distancia; no de percussão arrebenta pelo *choque*, ao encontrar um obstaculo.

P. Quando se emprega o tiro de tempo? quando o de percussão?

R. O tiro de tempo se emprega, de um modo geral, contra *alvos vivos desabrigados*; o de percussão contra obstaculos, taes como: entrincheiramentos, tropas abrigadas, baterias de escudos em acção, tropas em mattas de grandes arvores, etc.

P. E quando o abrigo dispõe de cobertura horizontal?

R. Neste caso emprega-se o tiro curvo de obuz e granada com retardo.

P. Em quantas partes se divide cada uma destas especies de tiro?

R. Em duas *regulação e effeacia*.

P. Para que serve a regulação?

R. Para ajustar o tiro, isto é, determinar a distancia, direcção e altura de arrebetamento.

P. E' igual a regulação no tiro de tempo e no de percussão?

R. Não; no tiro de tempo como se tem mais um elemento a observar — a altura de errebetamento — a regulação se faz com uma secção, no tiro de percussão se faz com uma só peça.

P. E' sómente esta a differença?

R. Não; no tiro de tempo determina-se em garfo de 100 metros contra objectivos fixos, 100 m. a 400 m. contra objectivos em movimento; no tiro de percussão o garfo é de 50 m.

(***) N. da R. — Pensamos que essa lei de selecção de cavallos e eguas reproductores deve se estender a todo o paiz. Nenhum particular deve ter o direito de admittir a cruz entre animaes que não preenchem as condições para uma boa descendencia.

P. Que é *garfo*?

R. Chama-se *garfo* a duas alças consecutivas, uma curta outra longa, entre as quaes o objectivo está comprehendido.

P. Quando é que se não faz a regulação?

R. Contra objectivos instantaneos, ou contra objectivos a 600 m. ou menos.

P. E como se faz a regulação no tiro curvo do obuz?

R. Determina-se um *garfo* de 200 m. com tiro tenso (carga 5), e forma-se dentro deste um outro de 50 m. com tiro curvo.

P. E como sabe qual a carga a empregar para cada caso?

R. A tabella do tiro traz dentro de um rectangulo os angulos de queda mais convenientes para cada distancia e no alto indica a carga correspondente.

P. Qual a correcção que se faz na primeira alça de regulação?

R. De 400 m. ou 200 m., de um modo geral, no emtanto a observação pode indicar uma correcção maior ou menor do que aquellas.

P. Qual é o *corrector* de regulação?

R. E' o que *dér* arrebrandamentos *b*, ou, metade percutente e outra metade *b* ou *n*.

P. O que quer dizer *arrebrandamentos* *b*, *n*, *a*?

R. No *canhão* *arrebrandamentos* *b* são os que são vistos a uma altura de 1 a 2 millesimos, *n* de 2 a 4 e *a* maiores de 4, no obuz *b* de 1 a 3, *n* de 4 a 6 e altos maiores de 6.

P. Porque são necessarios *arrebrandamentos* *b* na regulação?

R. Para se poder referir ao objectivo a nuvem de *arrebrandamento*; isto é, para que esta nuvem cubra ou seja coberta pelo objectivo, sabendo-se assim se o tiro foi curto ou longo.

P. Que é *alça base*?

R. E' a menor alça com que se pode atirar ao entrar na efficacia.

P. No tiro de tempo qual é a alça base?

R. 50 m. aquem do limite curto do *garfo*.

P. E no tiro de percussão?

R. E' geralmente o meio do *garfo*. Pode ser um dos limites, se a observação assim indicar.

P. Quaes as correcções que se fazem nas alças?

R. No tiro de tempo de 50 m., de 25 m., no de percussão, até achar a alça *favoravel*.

P. Que é *alça favoravel*?

R. E' a mais efficaz das alças de efficacia.

P. Qual é a alça favoravel no tiro de tempo do sh.?

R. E' a que *dér* tudo curto ou no maximo um quarto de tiros longos.

P. Quando é favoravel uma alça que tenha dado os quatro tiros de um grupo curto?

R. Desde que augmentada de 50 m. *dér* mais de um quarto de tiros longos.

P. E qual é a alça favoravel no tiro de granada tempo?

R. E' a que *dá* curtos e longos.

P. E no tiro de percussão, qual a alça favoravel?

R. A que *dér* cerca de metade curtos e a outra longos.

P. Porque esta differença entre os tiros de tempo e de percussão?

R. Esta differença é devida ao modo de funcionamento do projectil nos dois casos; no tiro de tempo, ao *arrebrandar* o sh. os balins vão somente para a frente de sorte que os tiros longos são desaproveitados; na grt. ás grandes distancias os estilhaços vão tambem para traz; no tiro de percussão os estilhaços de qualquer dos projectis vão para frente e para traz.

P. Qual é o *corrector* de efficacia?

R. E' o que *dér* *arrebrandamentos* normaes.

P. Porque são necessarios *arrebrandamentos* normaes na efficacia?

R. Porque com *arrebrandamentos* *b* os balins batem, com grande velocidade uma zona pequena; com *arrebrandamentos* *a* os balins batem uma zona extensa, porém com pequena velocidade, e com *arrebrandamentos* *n* satisfazem simultaneamente as duas condições — velocidade e zona regulares.

P. Que especies de fogo se pode empregar?

R. Por grupos, por peça, salva e fogo rapido.

P. Quando se emprega fogo por grupo?

R. Quando se desejar rapido effeito

em certos momentos favoráveis. O numero de grupos só deve ser augmentado, em principio, depois de achada a alça favoravel.

P. E fogo por salva?

R. Quando o inimigo se acha ainda a grande distancia, ou quando não convenha gastar muita munição.

P. E por peça?

R. Quando se quer observar a reparação do fogo sobre o objectivo.

P. E quando o inimigo se achar a 200 m. ou menos das baterias?

R. Commanda-se alça zero, fogo rapido, carregando-se o canhão com os projectis com a gradação em que estiverem.

P. E como se procede quando a frente a bater é maior do que a da bateria, de modo que dividindo-a pelas 4 peças fiquem espaços não contemplados?

R. Commanda-se ceifante (simples ou duplo, conforme a distancia seja maior ou menor do que 1500 m.) tantos grupos.

P. E quando se faz este commando?

R. Depois de achada a alça favoravel.

P. No tiro curvo do obuz, quando se commanda retardo?

R. Tambem depois de achada a alça favoravel.

Etc.

Cap. Acaido F. Corrêa.

A PONTARIA INDIRECTA DO NOSSO 75

(2ª edição)

PELOS

Capitães Klinger e Mascarenhas de Moraes

4. PONTO DE PONTARIA COLLECTIVA. As tres parallaxes. A deriva-base; a segunda parallaxe; seu signal; a antiga regra dos signaes e a regra simplificada; processos que evitam a segunda parallaxe. O escalonamento das derivas ou terceira parallaxe; regra antiga e regra geral. Situação especial do p. p. Abrir e cerrar o feixe.

As tres parallaxes

No emprego de um ponto de pontaria comum a toda a bateria — o processo de pontaria rapido por excellencia quando o p. p. escolhido não exige o emprego da haste de alongamento — ha duas questões a resolver: a da deriva-base, e a do escalonamento das derivas, isto é, modificação progressiva a fazer na deriva-base para obter a de cada uma das outras peças.

Para se determinar a deriva-base por meio da luneta de bateria ha duas parallaxes a eliminar: a do objectivo e a do ponto de pontaria,

ambas em relação á distancia luneta = peça-base.

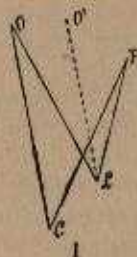
O escalonamento das derivas implica o calculo de uma terceira parallaxe: a do p. p. em relação á frente de secção.

A deriva-base

Tomemos a classica figura constituida pelas linhas que unem a luneta de bateria L e a peça-base C , ambas ao ponto de pontaria P e ao objectivo O ; ella nos dá

$$C + O = L + P$$

$$C = L + P - O \quad (1)$$



Esta correcção $P - O$ a fazer na deriva L medida pela luneta para se obter a deriva C a dar á peça-base é o que se chamou de correcção de convergencia. Esta correcção varia de accôrdo com a situação da luneta dentro ou fóra do angulo C ou de seu supplemento adjacente ao plano de tiro, e com a situação do ponto de pontaria á direita ou esquerda desse plano.

O nosso R. E. A. adoptou a simplificação a que cheguei pelo artificio de applicar tambem aqui o principio da deriva inicial com que se collima a luneta, deriva correspondente á eliminação da parallaxe O . (17) Ora, assim collimada a luneta poderemos lêr sobre o ponto P a deriva $O'LP = n$, isto é, como a figura mostra

$$n = L - O$$

e teremos então

$$C = n + P \quad (2) \quad (18)$$

A segunda parallaxe

Da applicação desse artificio da deriva inicial resulta immediatamente a vantagem de se proceder por partes na eliminação das parallaxes, confiando desde logo uma dellas ao instrumento, restando apenas cuidar da segunda. E fica feita

(17) Importa accentuar que este é que é o processo regulamentar... e pratico. E não, porventura, medir o angulo L e fazer a dupla correcção.

(18) Se traçarmos por L uma linha LP' , parallelamente a CP obteremos um angulo $O'LP' = C$ e visivelmente $= n + P$.

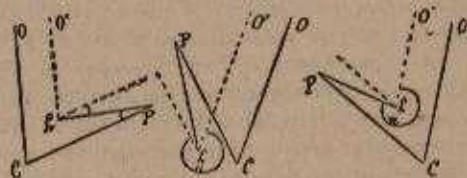
a aproximação dos dois modos de pontaria, tanto mais que a segunda parallaxe se calculará idênticamente como a primeira: divisão de duas distancias que tem a origem commum na peça-base — numerador, a perpendicular baixada á linha luneta — p. p., denominador distancia da peça ao p. p.

Signal de p.

Vejamos agora a influencia da situação da luneta e do p. p. sobre o signal da segunda parallaxe. Todos os casos se resolvem facilmente; basta prestar attenção ao sentido constante da gradação da deriva.

Para simplificar as figuras tomemos-as sempre taes como traduzem a eliminação já feita da parallaxe do objectivo; como linha auxiliar na deducção da deriva-base tracemos sempre pela luneta uma parallela á linha de visada da peça-base.

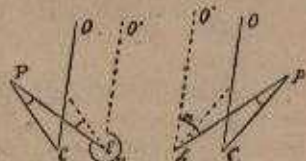
A fig. precedente corresponde ao caso: p. p. á direita de CO, luneta fóra de C. Outras situações:



II P á direita, L dentro $C = n - P$
 III P e L á esquerda L fóra de C $C = n - P$
 IV L dentro de C $C = n + P$

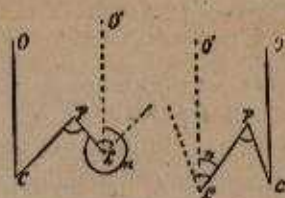
Nesses quatro casos precedentes figuramos o ponto de pontaria sempre na frente; é facil reconhecer que em qualquer delles o signal de P não se altera si elle estiver á retaguarda, contanto que a luneta guarde a mesma situação, dentro ou fóra do angulo c ou seu supplemento adjacente ao plano de tiro.

Vejamos agora, luneta e ponto de pontaria em lados differentes: fig. V e VI.

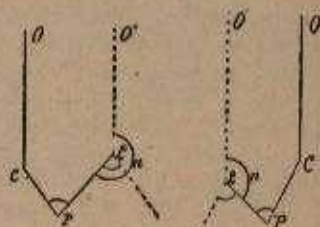


V $C = n + P$
 VI $C = n - P$

Vejamos ainda os casos singulares em que o ponto de pontaria fica entre o plano de tiro e o da collimação, na frente ou atraz da bateria: VII e VIII, IX e X.



VII $C = n + P - 6400$; VIII $C = n + (6400 - P)$;



IX $C = n - P$; X $C = n + P$

Passando agora em revista as formulas dos dez casos que figuramos e em que estão expressas todas as situações possíveis, chega-se á formula geral da deriva-base $C = n + P$.

Os casos VII e VIII, que parecem mais complicados entram contudo nessa formula, pois na pratica quando se tiver $n - P > 6400$ necessariamente subtrahir-se-á 6400 (VII) e quando se tiver $P > n$ (VIII) naturalmente juntar-se-á aquelle 6400; de sorte que não é preciso pensar nessa particularidade das duas formulas.

A antiga regra dos signaes

Quanto ao signal de P vamos apenas a titulo de homenagem ao passado reproduzir a regra consignada no annexo do R. T. A. 1914, que é deduzida do estudo de todas as formulas e figuras precedentes.

«O signal de P determina-se pela regra algebrica da multiplicação dos signaes, sendo:

Ponto de pontaria á direita do plano de tiro-base: +

á esquerda: —

Luneta de bateria dentro do angulo deriva-base ou de seu supplemento adjacente ao plano de tiro-base: —

Luneta fóra: +».

A nova regra pratica

Como disse na preliminar, esta regra ficou relegada para os museus em vista duma simplificação importante a que cheguei, de muito mais facil e rapida applicação porque permite decidir do signal por uma consideração unica:

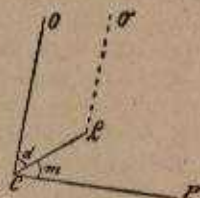
«O operador na luneta olha o ponto de pontaria: se a luneta assim estiver á direita do

plano de visada da peça-base o signal de p será $+$, se á esquerda $-$. (19)

Processos que evitam a segunda parallaxe

O Compl. R. T. A. 1916, entre as modificações que traz ao R. T. A. consigna os seguintes dois processos (mod. n. 8) de determinação da deriva-base, os quaes evitam o calculo da 2.^a parallaxe. (20)

I. O primeiro importa numa divisão de trabalho: a luneta de bateria determina a deriva reciproca para a peça-base, seja D ; a peça-base mede o angulo m entre a luneta e o ponto de pontaria. Então a deriva-base, com que C visa P para se tornar paralelo ao plano de collimação da luneta será



$$C = d \pm m$$

Na figura acima é $C = d + m$; em qualquer caso o signal é determinado por uma consideração só: o operador no canhão volta-se, para a luneta de bateria e assim vê se o p. p. está á direita ou á esquerda da linha canhão-luneta; no primeiro caso o signal de m é $+$, no segundo é $-$.

«Substitue-se assim o calculo da parallaxe do ponto de pontaria que, ou exige duas demoradas medições ou se baseia na estimação de duas distancias a qual para grandes distancias dá lugar a grandes erros, (*) substitue-se esse calculo, disse, por uma rigorosa medição feita pela luneta da peça-base...»

O rigor do processo emancipa o cdte. da bateria de qualquer restricção na escolha do p. p., podendo este pois ser escolhido unicamente pela sua boa visibilidade para os apontadores e pelas condições de dispensar o emprego da haste de alongamento e de ser infundivel.

II. O cdte. da bateria determina a deriva reciproca D como no caso precedente; com ella aponta-se a peça-base á luneta de bateria e em seguida refere-se a sua direcção ao p. p.

Essa deriva de referencia será a deriva-base para toda a bateria.

(19) Vd. ainda outra regra no R. E. A. 152. E' apenas uma curiosidade theorica, em face da pratica regulamentar da «deriva inicial».

(20) Processos b) e c) do art. 152 do R. E. A.

Não ha necessidade de demonstração; a mesma figura do caso precedente evidencia o fundamento theorico deste processo mixto, um pouco mais demorado que o precedente, porém mais simples e com todas as suas vantagens.

III. No Regulamento de Manobras da artilharia franceza encontra-se para o emprego do ponto de pontaria um processo ultra expedito, que elimina as duas parallaxes, sem calculo — a olho.

Sejam C a peça-base, P o ponto de pontaria, L a luneta, O o objectivo.



Com a luneta a zero o operador a orienta de modo que lhe *pareça* que o plano de collimação fique paralelo ao plano de tiro; em seguida volta o reflector em uma direcção que lhe *pareça* parallelá ao plano de visada da peça-base: a deriva então lida será a deriva-base.

A fundamentação do processo é evidente. O rigor depende do coefficiente individual do operador; a rapidez é inexcidível. E' quasi um calculo da deriva pelo sentimento o qual aliás com algum exercicio é exequível com a approximação de uma centena de millesimos; basta ter em mente os quatro quadrantes das derivas para applicar o processo sem instrumento. Fixado o quadrante em que se acha o p. p. procede-se por subdivisão successiva, ou por meio da mão estalonada e assim se estima a deriva.

O escalonamento das derivas

Este é o elemento que determina a repartição do fogo, isto é, a abertura do feixe dos pla-

(*) O erro é devido a tomar-se o seno pelo angulo. Assim, quando se achar para a relação entre a perpendicular e o raio o valor

1	isto é seno	=	$\frac{1000}{1000}$	o angulo valerá	1600 ‰ (90°)
1/2	*	=	$\frac{500}{1000}$	*	533 ‰ (30°)
7/10	*	=	$\frac{700}{1000}$	*	800 ‰ (45°)
85/100	*	=	$\frac{850}{1000}$	*	1066 ‰ (60°)

A luneta de bateria permite achar com muita approximação o valor da parallaxe: é entrar com o seno na escala do prato e ler abaixo a parallaxe.

os de tiro da bateria. Sem esse escalonamento, to é, se todas as peças visassem ao p. p. com mesma deriva, a da peça-base, os planos de tiro seriam convergentes para a frente ou para a retaguarda (neste caso, portanto, divergentes) conforme o p. p. fosse situado á frente ou á retaguarda. Isto é, no caso do p. p. na frente teríamos o feixe convergente, no caso do p. p. á retaguarda, o feixe divergente, no caso do p. p. na linha de fogo (nem á frente nem á retaguarda) o feixe paralelo.

(Continúa)

Serviço Geographico Militar

Convenções cartographicas—Folha topographica da "Villa Militar"

O Snr. Ministro da Guerra acaba de approvar o plano geral elaborado pelo tenente-coronel Alfredo Vidal, encarregado do Serviço Geographico, concernente á organização do «Manual completo das convenções para uso da cartographia nacional, especialmente militar».

De accordo com esse plano, as convenções cartographicas obedecerão d'ora avante a uma organização systematica e definitiva, tendo em vista a technica do desenho respectivo e especialmente a simplicidade no traçado; a quantidade minima de symbolos e compatibilidade com todos os processos de reprodução photographica; a categoria das cartas, suas escalas e objectivos; as condições impostas pela technica militar, principalmente legibilidade a olhos desarmados, clareza, nitidez nas legendas, abreviaturas e coloridos convenientes. E, sob outro aspecto: a technica de impressão, visando as tiragens nitidas e economicas, bem como a facilidade nas correções de «manutenencia» e de «Revisão» a executar nas matrizes e nos originaes.

Além do plano referido, foram tambem approvadas tres das contribuições inherentes ao Manual, a saber:

a) Convenções cartographicas a uma só côr, correspondentes á escala de 1:25.000 e applicaveis ás escalas maiores até 10.000 (cartas technicas);

b) Convenções monochromaticas para cartas topographicas, correspondentes á escala de 1:100.000 e applicaveis ás escalas maiores até 1:500.000 (cartas militares);

c) Disposições geraes, visando não só a significação precisa e justa interpretação de cada accidente ou objecto topographico como tambem o estabelecimento de regras a observar na applicação dos elementos graphicos das convenções e symbolos, de accordo com as circumstancias.

Como se tem a satisfação de vêr, o Serviço Geographico Militar, cuja phase preliminar de organização está prolongada, em face da escassez dos elementos pessoais e materiaes de que dispõe, vae, não obstante, apresentando resultados altamente compensadores e affirmando ao mesmo tempo uma orientação segura e bem dirigida em sua organização systematica.

Duas questões essenciaes, é certo, difficultam o desenvolvimento desses elementos de trabalho — um, o recrutamento de technicos especialistas que o meio militar expontaneamente quasi não offerece; outro, a aquisição do material necessario não só ao serviço de campo como aos de gabinete, por isso que, desde o seu inicio, só dispõe de um phototheodolito para aquelle e, para este, apenas de um estereoaographo.

Não tem poupado o Governo, diga-se com justiça, os meios orçamentarios que se tem feito mister de anno para anno. Infelizmente, o dismantello que a conflagração mundial trouxe aos paizes mais aptos a nos fornecerem os elementos de que carecemos a respeito, não tem acarretado senão serios embaraços que vão aliás sendo removidos com a notoria perseverança do Sr. coronel A. Vidal.

Das convenções a uma só côr na escala de 1:25.000 e applicaveis ás escalas maiores até 1:100.000, fazemos com este numero uma distribuição aos nossos camaradas.

A folha em questão comprehende um numero reduzido de symbolos para os casos normaes, considerando-se que para os casos que não o forem, ou para fins particulares, poderão ser utilizados symbolos especiaes representados nas margens das folhas e convenientemente esca-recidos por legendas. Assim: «um objecto topographico não contemplado na folha de convenções será representado pelo symbolo de outro de categoria semelhante, ou pelo desenho de sua planta, e, em qualquer destes casos, a representação graphica deve ser acompanhada de abreviaturas ou legendas de significação precisa».

A's contribuições já apresentadas seguir-se-ão, de accordo com o delineamento officialmente approved, nada menos de cinco outras, relativas não só ás cartas coloridas para minutas topographicas (escala de 1:25.000), como tambem ás cartas geographicas, monochromaticas ou polychromaticas (1:250.000 a 1:500.000) ou topographicas especiaes (1:100.000).

Ainda pelo Serviço Geographico foi dada publicidade tambem agora á folha do levantamento topographico da *Villa Militar*, folha essa que faz parte da carta abrangendo a zona de

112 km², comprehendida entre os trigonometricos de Gericinó, Sapé (Madureira), Coqueiros (Santissimo), e Pavuna e da qual já fôra organizado anteriormente um primeiro croquis provisório.

A organização dessa edição da folha da *Villa Militar*, abstrahindo da triangulação regular que a devia preceder, resultou dos seguintes trabalhos technicos especiaes:

1º) Levantamento estereophotogrammetrico, em que se procuraram apenas os elementos topographicos geraes, orographicos e planimetricos;

2º) operações de photogrammetria aeronautica com o fim de enriquecerem o esqueleto estereophotogrammetrico com detalhes topographicos essenciaes;

3º) operações de *reambulação photogrammetrica*, visando exclusivamente os assumptos mais importantes.

Presentemente, as cartas que estão sendo organizadas pelo Serviço Geographico, segundo o programma methodico a que obedecem os seus trabalhos, visam antes de tudo o preparo tecnico especial dos officiaes ultimamente admittidos no quadro do serviço e cujo treinamento constitue, no momento a preocupação predominante do Capitão Alfredo A. de Alencastro, actualmente á testa dos tres Grupos technicos de serviços.

E' incontestavel, porém, que as folhas publicadas em 1.ª edição já attestam um apreciavel grão de adiantamento em face dos resultados tecnicamente superiores a quaesquer trabalhos levados a effeito em nosso paiz com os processos topographicos antigos, posto que rigorosos.

Restricto no começo, por falta de recursos, aos levantamentos do phototheodolito, no terreno, e o dos negativos photographicos, no estereoautographo, o Serviço já conseguiu incorporar, como fôra planejado, um terceiro factor — a photographia aeronautica, de alta valia nas operações militares, como ninguem desconhece hoje, e cujas vantagens nos levantamentos regulares não se podem pôr em duvida, uma vez que se o complete com a *reambulação photogrammetrica*.

E de facto, essa identificação no terreno, seja para assignalar e definir os accidentes topographicos, sob o ponto de vista militar, seja para colher dados e amarrar os accidentes do terreno a pontos geodescos de antemão determinados, não só permite enriquecer com extraordinaria presteza as cartas assim obtidas como melhorar consideravelmente dentro das tolerancias especificas, os elementos obtidos photographicamente e que devem ser empregados nos *esqueletos* de estereophotogrammetria.

Aliás, tem sido essa a orientação basica do S. G. M. e que tomou uma feição especial entre

nós depois de estudos realizados pelos capitães Alipio de Primio e A. Alencastro conforme já relatamos no n.º 69 desta Revista.

A proposito deste assumpto são dignos de referencia os resultados obtidos, com apparellamento imperfeito embora, pelos aviadores brasileiros tenentes Anor, Salustiano, Pedro Rocha Mendes de Moraes, os quaes, nos levantamentos pela photographia aeronautica têm conseguido não só uma grande estabilidade de vôo em direcção e altura (esta, dentro de uma tolerancia de 10 metros), como também excellentes provas photographicas que bastamente facilitam as operações photogrammetricas e as de *reambulação*.

Nossas felicitações ao S. G. M. por essas provas positivas de sua vitalidade e efficiencia.

Bibliographia

Cruzada — Organ. off. da S. Bibl. Académica da Escola Militar, n.º 56, Março, Abril e Maio de 1920.

Do summario — *Diario de Campanha*, do tenente Andrade Neves; *Educação Nacional*; *Seleccção de cadetes*; *Bichos e veteranos*.

Hoje — Periodico de acção social, 6, 13, 20 e 27 de Maio.

Medicina militar, revista mensal de medicina e cirurgia, Avenida Atlantica 248, Rio, Abril e Maio.

Boletim da Sociedade Medico-Cirurgica Militar, Abril.

Boletim do Club Naval, Março.

Do summario — A radiogoniometria e suas applicações.

Revista dos Militares, Porto Alegre, Março.

Do summario — *Manual de manobras*, trad. do cap. R. Jost.

Memorial del Ejército de Chile, Março.

Do summario — Preparação de officiaes para commissões de armamento. O official subalterno de infantaria. Educação civica.

ORDEM DE DIVISÃO

(Continuação de um artigo do coronel Pertini publicado na Revista Militar, de Buenos Aires, n.º de Fevereiro 1920.
Um caso concreto)

1.º Tropas de ataque dos regimentos 352, 333 e do batalhão de assalto executarão no dia 18 de Maio, ás 11 da manhã, hora que será opportunamente fixada pela Divisão, uma empreza de patrulha, apellidada «festa da Paschoa» dirigida contra o ponto de apoio Kalber e contra os nucleos de resistencia situados á direita e á esquerda do mesmo.

2.º *Objecto*: tomada de prisioneiros e de material, destruição de obras inimigas.

Ponto final da empresa: ponto de apoio (até k inclusive) e os ninhos de lança-situados na parte oriental da grota de F.

Forças:

Infantaria, 4 tropas de ataque, ao comando de um official do batalhão de assalto, 1 official e 16 praças do 352.º R. I., 4 do 88.º B. Eng., e uma secção de lanças do batalhão de assalto;

Artilharia, 20 praças, 1 secção de chammas do batalhão de assalto; como II;

1 official e 16 praças do 353.º R. I., o como I.

Secções: 1.º 1 commandante, 2 secções de enjaulo, 7 praças, 1 metralhadora leve do 352.º para a tropa I.

Idem do 353.º R. I., para a tropa IV.

Secção de protecção: Para cada tropa de ataque, composta de 1 esquadra metralhadora leve dos R. I. 352 e 353.

Artilharia: A da divisão, e partes da artilharia do sector Aisne, sem mudar de posição, de abrigos, unicamente para cooperar.

Lançaminas: 6 pesadas, 2 Jko, 13 médios leves, tudo subordinado ao cdte. da art.; 6 médios e 6 médios são do sector Aisne.

Metralhadoras pesadas.

Ponto de partida das tropas de ataque: Pl. Qu. 2.264 14/t1, sapa Pl. Qu. 2.264 sapa Mackensen, sapa Hindenburg (ver carta).

Regulação da artilharia: em suas posições actuaes, regulação e regulação dos lançaminas leves, pesados e metralhadoras pesadas, ver plano.

Commandos: da infantaria, o do sector J; da artilharia o cdte. de art. 59; das tropas de ataque, tenente Brennicke.

Preparativos: a infantaria da divisão e do batalhão de assalto continuarão até a manhã de 15 de Maio os reconhecimentos dos caminhos, a regar a linha 25, f, f 2, g 3 e g 1, e os meios de excursões nocturnas de reconhecimento.

Operação: deve ser praticada em forma de ensaio, obra de ensaio situada 1 km. ao S. de Avigny. Assistirei ao exercicio final a 17 de Maio. A hora exacta do mesmo será comunicada de véspera pela divisão.

Preparativos: durante os exercicios preparatorios deverão ser designados os graduados e praças simples para substituir immediatamente os commandantes das tropas de ataque, em caso de morte destes, e para este fim devem ser constantemente preparados.

Tiros: os tiros da artilharia e dos lançaminas contra os pontos de apoio da artilharia, contra o Kalber e as hombas de gazes contra a grota da vau e o ponto de apoio Teller devem ser feitos methodicamente e sem attrahir a attenção até á noite de 15 de Maio, e devem ficar mudos até essa data.

Tiro de dissimulação: os tiros proprios de dissimulação devem ser mais intenso no ponto de ataque que no sector da divisão.

Fogo dos lançaminas e da artilharia: deve ser concentrado contra os pontos de invasão. Os pontos devem ser absolutamente desobstruídos os obstaculos. Para lograr este fim o

director da operação, os commandantes das tropas de ataque e os officiaes de lançaminas devem manter estreito accordo entre si, estreita e continua ligação, e utilizar o mais amplamente possível os resultados obtidos em seus reconhecimentos.

Todos os preparativos que se relacionem directamente com o terreno de ataque devem estar terminados no dia 15 ás 8.º.

A partir desse momento fica suspensa qualquer excursão de patrulhas ao terreno de ataque.

8.º Desenvolvimento da operação. — A hora x menos 15 min. as tropas de ataque se encontrarão promptas em seus pontos de partida; x—3 min. inicio do fogo de art., lançaminas e metr. pesadas, tanto contra os pontos de invasão como de enjaulamento.

As ultimas minas pesadas e médias do fogo preparatorio devem ser lançadas em massa, sob forma de descarga, ás x—15 segundos, relogios aferidos dos chefes das tropas de ataque e dos lançaminas.

A realisação do tiro será communicada por telephone ao tenente Brennicke por intermedio do cdte. da 88.ª companhia de lançaminas. A collocação das minas será effectuada por essa companhia.

Immediatamente após a explosão simultanea das descargas finais de minas avançarão ao mesmo tempo as 4 tropas de ataque seguindo os respectivos itinerarios, as extremas pelas quebradas, as do meio pelo Kalber, que devem destruir.

O signal de regresso será dado pelo cdte. das tropas de ataque, por meio de um silvo especial, que deve ser repetido por todos os cdtes. de tropas de ataque e tambem mediante lançamento de projectis luminosos.

Em seguida se iniciará o regresso de todas as tropas de ataque pelo caminho mais curto, através do Kalber e tomando em conta a situação do fogo de barragem do inimigo, até voltar aos pontos de partida. Alcançados estes pontos o cdte. das tropas de ataque dá o signal de finalisação, fazendo lançar tres vezes signaes luminosos, verdes e amarelllos.

A artilharia e os lançaminas mantêm o fogo de enjaulamento com a velocidade de tiro ordenada, o qual diminue ao cabo de 20 minutos, e suspendem o fogo unicamente ao signal referido de finalisação.

Afim de desorientar o inimigo se inicia x—4 min. fogo de art. e de l. m. e metr., combinado com um avanço demonstrativo de patrulhas munidas de granadas de mão sobre Bütte, Mesnil e Kanonenberg.

9.º Quantidade maxima de munição: canhões de campanha — 3450, mais 500 tiros de munição gazogena; obuzes pesados, 860; morteiros, 152; canhões de 10 cm., 96; de 12 cm., 144; l.-m., sem limite.

10.º Tropas de protecção devem ser compostas de uma esquadra com uma metr. leve para cada tropa de ataque, de tal forma que, ao avançarem as tropas de ataque, as de protecção occupem immediatamente os pontos de partida. Os sectores J. e K. estarão de promptidão.

11.º Meios de informação. — A partir da posição de irrupção das tropas de ataque, por telephone com o cdte. da companhia de l.-m., com o cdte. do sector J. e com as posições mais retiradas. Emprego de T. S. F.

Manter o mais estrito segredo sobre a operação. Sempre existe o perigo de que por deslizes, especialmente no uso do telephone, o adversario chegue a saber prematuramente de nossas emprezas. Importa evital-o por todos os modos. A indicação da hora x será dada unicamente aos mais immediatamente interessados.

12.º Disposições especiais:

a) O equipamento das tropas de ataque será regulado pelos R. I. Nada de correspondencia, metes de corpos, nem outras indicações das quaes se possam tirar conclusões sobre as forças. Os chefes das secções de l.-m. e das tropas de ataque devem ser munidos de relógios de segundos;

b) todos os participantes devem ser instruidos com respeito á sua attitude na tomada de prisioneiros;

c) a comparação da hora se fará 8 e 6 horas antes do inicio das operações, pelo commandante da divisão;

d) prisioneiros e material tomados devem ser immediatamente encaminhados, pela via respectiva, á divisão;

e) o reforço do serviço de saúde será regulamentado pelo medico da divisão directamente com os R. I. 352 e 353.º.

(a) von Becz.

Confere: (a) Meene
Cap. do E. M.

A Artilharia Belga

Ao terminar a guerra, o exercito belga era constituido por 6 Divisões de Exercito (D. E.), composta cada uma de 2 Divisões de Infantaria (D. I.).

Cada D. I. possuía 1 R. A. de D. I., cujo coronel era ao mesmo tempo cdt. da A. de D. I.

O commando da A. da D. E. era exercido por um general de brigada, conselheiro tecnico do cdt. da D. E. no que diz respeito á artilharia.

Cada D. E. possuía tambem 1 R. A. de D. E. A A. de D. I. era composta de 12 regimentos numerados de 1 a 12, cada um assim organizado:

3 grupos de 3 baterias de 4 canhões de 15 T. R.

1 grupo de 3 baterias de obuzes leves.

1 bateria de acompanhamento.

A A. de D. E. tinha 6 regimentos, numerados de 13 a 18, assim constituidos:

1 grupo de 3 baterias de 4 canhões de 105 L.

2 grupos de 3 baterias de 4 obuzes pesados (tipo 155).

2 grupos supplementares de obuzes 155, estavam projectados para cada D. E.

A A. de E. era constituida por 2 regimentos de artilharia pesada.

O 1.º comprehendia:

5 grupos de 3 baterias de artilharia 120 e 155 L.

1 grupo de artilharia anti-aerea.

O 2.º regimento de artilharia pesada comprehendia:

3 grupos de 3 baterias pesadas de 223, curtos.

1 bateria de um obuz de 305, sobre trilhos.

3 grupos de morteiros de trincheira, m. e pesados.

No final da guerra o exercito possuía 108 canhões de infantaria e (fazendo abstracção da artilharia da divisão de cavallaria, da art. aerea e de trincheira).

111 baterias de campanha.

54 baterias pesadas nos R. de D. E.

25 baterias pesadas nos R. A. P.

A proporção de artilharia para um batalhão de infantaria era, então, de

1 bateria de campanha.

3/4 de bateria pesada.

Essa proporção será elevada pelo progressivo que ora se executa, a

1 1/3 bateria de campanha

1 1/3 bateria pesada

por batalhão.

O projectil de que mais se fez emprego na guerra, foi a granada em percussão, o contrario do que se previa durante a paz. Isto se deveu a dificuldade de uma boa comecilla das espoletas de tempo e dahi a dificuldade de regular a altura de arrebentamento.

Os canhões de 75 no fim da guerra tinham 3/4 de granadas explosivas e shrapnells, achando-se até exaggerada a proporção de 1/4.

Os canhões e obuzes de 120 L. e 155 L. levavam granadas.

A experiencia da guerra fixou a reserwa de peças indispensaveis em 20 % para a artilharia de campanha e 10 % para a artilharia.

As escadas observatorios deram resultados completamente desfavoraveis e pelo meio das mesmas o exercito belga não mais se preoccupou com ellas. Logo no começo da guerra, os francezes e inglezes já tinham feito recolher as escadas aos parques por inuteis.

(Notas colhidas em um artigo da *Revista Militar*, de Buenos Aires).

"Minhas memorias da Guerra" De LUDENDORFF

"A Defeza Nacional" está habilitada a fornecer o 1.º volume desta importante obra, em sua traductão brasileira, ao preço de 13.000 para seus assignantes. Pelo com mais 500 Rs.